

## Academia de Estudos Livres

UNIVERSIDADE POPULAR

Fundada em 1909

## Preços por assinatura

| Para os socios e subscritores da Academia de Estudos Livres: |      | Avulso:        |      |
|--|------|----------------|------|
| 5 numeros.....   | \$15 | 5 numeros..... | \$25 |
| 6 ".....   | \$20 | 6 ".....       | \$30 |
| 12 ".....  | \$40 | 12 ".....      | \$60 |

Numero avulso, \$10

## SUMARIO

|  |  |
|--|--|
| <b>Portugal e a Argentina:</b>   | <b>Festas escolares:</b> pag. 281                          |
| Festa de homenagem á Escola Cornelio Saavedra, de Buenos Ayres..... pag. 267 | <b>Conferencias e palestras:</b>                           |
| <b>A Republica Argentina e a educação:</b>                                   | Educação e Autarchia... » 287                              |
| Orçamento do Ministerio das Finanças para 1914 » 270                         | <b>Relatorio da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal:</b> |
|  | Gerencia de 1912-1913... » 292                             |

Director, proprietario e editor—ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES (Universidade Popular)

Rua da Paz, 7, a 8, Bento—LISBOA

# ANAIS

DA

## Academia de Estudos Livres

|      |   |            |
|------|---|------------|
| I    | <i>Eusino inicial de leitura</i> , por J. Augusto Coelho. ....  | \$20 cent. |
| II   | <i>O marinheiro portuguez através da historia</i> , por V. Almeida d'Éga. ....  | \$20 "     |
| III  | <i>Da unidade de pensamento no cyclo das descobertas</i> , por Henrique Lopes de Mendonça. ....                                 | \$20 "     |
| IV   | <i>Uma excursão á serra da Arrabida</i> (esgotado). ....  | \$10 "     |
| V    | <i>O Castello de Palmella</i> (esgotado). ....  | \$10 "     |
| VI   | <i>Excursão no Tejo até ao Canal de Azambuja</i> (2. <sup>a</sup> edição). ....   | \$10 "     |
| VII  | <i>Excursão á Fabrica de Cimento de Portland Artificial «Tejo», em Albandra</i> . ....  | \$05 "     |
| VIII | <i>Uma excursão a Santarém—Atravez da cidade—Lendas</i> , por João Atruda. ....   | \$20 "     |
| IX   | <i>Tri-centenario da publicação de D. Quichote</i> , por Theophilo Braga. ....  | \$20 "     |
| X    | <i>No Bussaco</i> (historia, paisagem, descripções), por Cardoso Gonçalves. ....  | \$20 "     |
| XI   | <i>O Archivo da Torre do Tombo</i> , contendo 219 paginas, illustrado com fotografuras dos principaes codices illuminados. .... | \$80 "     |
| XII  | <i>Spissosa—Conferencia</i> , por Theophilo Braga. ....   | \$20 "     |
| XIII | <i>O conuento de Mafra</i> , por Cardoso Gonçalves. ....  | \$10 "     |
| XIV  | <i>O padre Joaquim Silvestre Serrão e a musica sacra portugueza</i> , por Theophilo Braga. ....                                 | \$20 "     |

## A MOCIDADE

FOLHA QUINZENAL

Publicadas 2 series (quasi esgotadas)

|                                |            |
|--------------------------------|------------|
| Cada serie de 10 numeros. .... | \$50 cent. |
| Numero avulso. ....            | \$05 "     |

Quaesquer obras publicadas por esta sociedade são enviadas franco de porte a quem remeter a sua importancia para a *Academia de Estudos Livres*—Rua de S. Braz, 7 (s. S. Bento)—Lisboa.



ESCOLA MARQUEZ DE POMBAL

Grupo de alunos, acompanhados das professoras sr.<sup>as</sup> D. Maria Paula Pacheco, D. Albertina Cordeiro (regente), D. Maria del Consuelo de Lara Reis e D. Adelia de Brito Coelho.

## Academia de Estudos Livres

UNIVERSIDADE POPULAR

Fundada em 1909

Director, proprietario e editor—ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES (Universidade Popular)

Rua da Paz, 7, a S. Bento — LISBOA

Composição e impressão — TYPOGRAPHIA LIBERTY — Rua do Livramento 85 e 90

2.<sup>a</sup> SERIE

NOVEMBRO 1913 A MARÇO 1914

N.º 9 E 10

## PORTUGAL E A ARGENTINA

No dia 1 de dezembro de 1913 realisou-se no ginasio do Liceu de Pedro Nunes uma festa escolar, que teve a mais alta importancia — a de reunir num pensamento de fraternidade duas nações afastadas uma da outra pela vastidão do Atlantico.

Celebrou-se naquele dia em Lisboa, por intermédio da modesta Escola Marquez de Pombal, a ação linda das creanças da Escola Cornelio Saavedra, de Buenos Aires, enviando aos seus pequenos camaradas portuguezes a mais suggestiva prenda: dois albums com os exercicios escritos pelos meninos argentinos, em alguns dos quaes se celebra e exalta a nossa patria, e uma coleção de objéto por eles produzidos nas suas aulas de trabalhos manuaes. Este acto, adoravel na sua singeleza, deu todo o relevo á ideia original das creanças portuguezas, que largamente descrevemos no numero 4.<sup>o</sup> desta serie dos Anais; foi o condigno remate do pensamento, que presidiu á manifestação dos nossos pequenos.

A festa fez-se no meio da alegria inarravel dos buliçosos alunos de todas as escolas livres de Lisboa que, com a nossa Escola Marquez de Pombal, por completo encheram o vasto salão.

O que foi essa solenidade e a significação que teve, dizem-no os documentos que a seguir transcrevemos, dignos, a nosso vêr, de serem arquivados numa revista de educação.

Neste momento falam os factos. Mais tarde, quando um dia tiver de fazer-se a historia da instrucção no nosso paiz, deles hão de ser tiradas as conclusões. Por agora limitêmo-nos a salvar do olvido a memoria duma festa escolar, que foi o grande acontecimento do dia 1 de dezembro de 1913, dia glorioso, cheio de sol, em que Portugal celebrou o 273.º anniversario da sua independencia.

*A maior lição moral é a que se tira da pratica da vida honesta e das consequencias duma ação, desinteressada e generosa.*

**No Liceu de Pedro Nunes: Portugal e Argentina - Decerreu brilhantissima a festa de solidariedade infantil, em homenagem à escola Cornelio Saavedra.**

Conforme estava anunciado, realison-se em 1 de dezembro de 1913, no ginasio do liceu de Pedro Nunes, a festa de solidariedade infantil, promovida pela Academia de Estudos Livres, a fim de solenizar a entrega do brinde que a Escola Cornelio Saavedra, de Buenos Aires, enviou à Escola Marquez de Pombal, secção da referida Academia, por intermédio do sr. Abel Botelho, nosso ministro junto da Republica Argentina.

Pouco depois do meio dia era já grande o numero de convidados que se encontrava dentro do edificio.

Cá fóra, à esquerda da porta principal, fazia a guarda de honra uma força de 65 escoteiros, pertencentes às secções 1, 2, 3 e 5, de Lisboa, sob o comando do escoteiro chefe sr. Miguel Machado. Sucessivamente, foram chegando as deputações de varias escolas que haviam sido convidadas, tendo-se feito representar as seguintes:

Centro Escolar Republicano de Santos, Centro Escolar Republicano dr. Alexandre Braga, Academia de Instrucção Popular (escola n.º 2), Centro Escolar Dr. Afonso Costa, Escolas do Registo Civil, Escola Maria Pinto, d'Amadora, Centro Escolar Dr. Magalhães Lima, Associação das Escolas de Ensino Liberal, Academia de Estudos Livres e secção Escola Marquez de Pombal, Asilo de

S. João, Cantina Escolar de Alcantara, Cantina Escolar de Santa Catarina, Escola 4 da Voz do Operario, Escola do Centro Democratico de Santa Izabel, Escola Profissional, Centro Escolar Democratico da Lapa, Gremio de Instrucção Liberal de Campo de Ourique, Escola Associação de Beneficencia da Encarnação, Associação Escolar Republicana de Santos, Escola Oficina n.º 1, Cantina Escolar de S. Miguel, Centro Escolar Almirante Reis, Cantina do Bem, Cantina Escolar de S. Mamede.

A policia dentro do edificio era feita pelos escoteiros do 2.º grupo (Liceu de Pedro Nunes), que fiscalisavam rigorosamente as entradas. A's 13 horas, quando já a vasta sala e a galeria-balcão se encontravam repletas de povo, entre elle muitas senhoras, entrou na sala o grupo coral do Liceu de Pedro Nunes, composto de 140 alumnos, que tomou logar nos degraus do estrado da meza da presidencia.

A orquestra dos alumnos do Asilo Antonio Feliciano de Castilho instalou-se na galeria-balcão, onde, pela parte de cima da presidencia, se ostentava um belo trofeu, formado pelas bandeiras portugüesa e argentina.

Pouco depois das 14 horas chegaram ao edificio, em tres automoveis, o sr. ministro da Argentina, esposa e filha, consul daquelle paiz e esposa, pessoal da legação e consulado e o sr. Abel Botelho, nosso ministro junto da grande republica sui-americana, que eram aguardadas á porta pelos corpos docentes da Academia de Estudos Livres e Liceu de Pedro Nunes.

Meia hora depois foram introduzidos pelos escoteiros na sala do ginasio, indo á frente a sr.ª D. Maria Fortunata Pinto de Lima, que conduzia o estandarte ultimamente oferecido á Academia por um grupo de alunas. A' entrada a banda do Asilo Antonio Feliciano de Castilho tocou o hino Argentino, que foi ouvido de pé pela assistencia e saudado com muitas palmas. A' direita da meza tomaram logar o sr. ministro da Argentina, sua esposa e filha, o consul, pessoal consular e da legação, etc.

**O sr. Abel Botelho, nesse ministro na Argentina, refere-se com entusiasmo áquella republica amiga**

A sessão foi aberta pelo sr. dr. Veiga e Sousa, director da

Academia de Estudos Livres, que, depois de se referir á significação do acto que se ia ali festejar, ofereceu a presidencia ao sr. ministro da Argentina, occupando os logares de secretarios os srs. Abel Hotelho e dr. Veiga e Souza.

Uso em primeiro logar da palavra o sr. Abel Hotelho. Disse que nenhum dos actos da sua curta vida diplomatica tocára ainda tão profundamente o seu coração e illuminára de tão entusiastica fé o seu espirito como aquella bela festa, destinada a selar e estimular a aproximação carinhosa entre duas nações latinas, e a selal-a e estimulal-a não pelos frios formalismos burocraticos, não recordando simplesmente o passado, mas atuando diretamente de povo para povo, mas fazendo vibrar em acordes nobremente simpaticos a alma simples dos pequeninos e aquecendo e fundindo na mesma efusiva torrente de emancipação, de progresso, de liberdade e amor a vontade sã e a consciencia limpida dos nossos homens de amanhã.

Que a festa havia sido compreendida e sentida no seu justo valor provava-o aquella esplendida assistencia, em que ele via tantas pessoas de qualidade, os corpos docentes e os alunos de tantas escolas, a esclarecida representação do governo e o ilustre, o eminente representante da nação argentina entre nós, com sua familia e toda a representação official do seu paiz. Todos bem-vindos!

Acrescentou o orador que quiz a fortuna que a sua visita ás escolas primarias argentinas — môdelares na sua organização e nos seus intuitos — determinasse aos pequenos alunos da Escola Cornelio Saavedra, de Buenos Aires, o envio de uma saudação amistosa aos seus camarada da escola primaria portugueza. Foi um belo gesto de afetosidade espontanea, que, partindo daquela escola, teve ainda um outro mais alto significado: foi a instituta consagração, brotando lá tão longe em peitos infantis, á Republica de 5 de Outubro. E foi-o porque Cornelio Saavedra, esse nome glorioso que preside aos destinos da referida escola, pertence ao general comandante do batalhão de patricios, que, no memoravel 24 de Maio de 1810, em Buenos Aires, proclamou a revolução, dando esse primeiro famoso grito de alarme, continuado depois heroicamente por homens como Belgrano, Alveas, Balcarce, S. Martín, e que quinze anos apenas volvidos, tinha como resultado

a libertação definitiva não só da Argentina mas do Chile, da Colômbia, da Bolívia, do Perú, do Uruguay e Paraguay do secular dominio hespanhol.

Assim o sentiram os pequenos alunos da nossa Escola Marquez de Pombal, os quaes retribuiram a saudação dos seus irmãos argentinos enviando-lhes um laço para a sua bandeira. Coube ao orador a fortuna de fazer ele, em Buenos Aires, a entrega desse mimo, em cujas voltas modestas e simples ia consubstanciado todo o candido e fervente idealismo, toda a impulsividade afetuosa e heroica da alma nacional. A sessão de entrega d'esse laço foi uma cerimonia imponentissima, adoravel, fresca, linda, inolvidavel para todos. Um forte estimulo de aproximação, sem duvida, pois é pela sensibilidade que se firma por toda a vida a fraternidade dos individuos e se cimenta durante seculos a boa união dos povos.

Referindo-se ao ensino primario na Argentina, o orador considera-o uma das bases fundamentaes que alicerçam a sua tão admiravel e tão solida estrutura social. Para dar unidade, para imprimir character, a um povo de tão dilatada area e de população tão escassa, havia que opor um verdadeiro dique moral á engrossadora invasão do cosmopolitismo, tinha que crear-se um fundo de sedimento vegetativo forte bastante para que sobre ele deslissassem e rolassem, sem deixar vestigio aparente, as atropeladas estratificações que o mercantilismo, a avidex, a ambição e o interesse para ali carreiam sem cessar de toda a parte do mundo.

E como conseguir isto? Evidentemente, só estimulando o sentimento patriotico, mergulhando na mesma essencia moral, na estrutura mental do povo. E eis a norma educativa que os governos argentinos teem seguido, transmitida de uns para outros invariavelmente, religiosamente. E é por isso que, ali, á emancipação politica se seguiu de perto a preparação civica, que a Republica Argentina dá hoje ao mundo o espectáculo envaidecedor, formidavel, de uma nação prospera, homogenea, altiva e forte.

O sr. Abel Botelho termina por se referir á data de 1 de Dezembro, exalçando a figura de Filipa de Vilhena. Que a imite — diz — o Estado republicano. Ele que, como mãe solicita, preside hoje ao nosso destino comum. Ele que prepare. Ele que eduque, ele que illumine e fortifique a nação para as grandes lutas de hoje,

que se ferem de preferencia no campo intellectual e economico; Ele que nos engrandeça, não excitando os instintos brutaes do individuo, mas robustecendo a sua afirmação cívica pelo seu afinamento gradual e progressivo desde a primeira infancia pelo desdobramento intensivo da ação pedagogica, pela lição viva do exemplo, pela apologia do mestre, pelo culto, enfim, da Escola.

Terminado o discurso do sr. Abel Botelho, que foi calorosamente aplaudido, a orchestra do asilo Antonio Feliciano de Castilho executou os hinos das duas nações, sendo em seguida, pelo côro do Liceu de Pedro Nunes, cantado o hino nacional Argentino, a *Portuguezia* e varias canções populares, que mereceram vibrantes aplausos da numerosa assistencia.

#### **O sr. ministro da Argentina — Fala e sr. dr. Sá Oliveira**

Usa em seguida da palavra o sr. ministro da Argentina que se refere á alta significação patriótica daquela festa e agradece ao sr. Abel Botelho as palavras de louvor dirigidas ao seu paiz. Expõe as simpatias que a Argentina nutre pela nossa Republica, dizendo que os povos que se ligam pelos laços da infancia são aqueles que simplesmente ambicionam a paz, o trabalho e a honra.

O orador historiou a vida de Domingos Faustino Sarmiento e terminou por saudar nas creancinhas o futuro e as prosperidades das duas nações amigas. Foi muito ovacionado.

Nesta altura entrou na sala um grupo de tres alunos da Academia de Estudos Livres, proferindo o sr. Eurico de Sena Cardoso uma calorosa saudação ao sr. ministro da Republica Argentina, em nome dos alunos da Academia de Estudos Livres. Ao terminar, ofereceu áquele illustre diplomata um belo ramo de flôres, sendo por ele comodamente abraçado.

A orchestra do asilo Antonio Feliciano de Castilho tocou novamente o hino argentino, que foi ouvido de pé e quasi abafado pelas aclamações da assistencia.

Em seguida o sr. dr. Sá Oliveira apresentou ao ministro da republica sul-americana dois novos escoteiros. Usando da palavra, fala com entusiasmo da Argentina e mostra ás creanças os dois grandes albums enviados pela Escola Argentina, que se achavam

sobre a meza, dizendo que eles completam a oferta dos seus pequeninos amigos.

Os livros são belos — diz o orador — e todos nós temos por dever aproveitar as lições que eles encerram. Pela leitura daquelles albums teve occasião de notar que os meninos da Argentina amam a sua pátria, porque num d'elles desenharam a bandeira da sua nacionalidade, com a legenda: « Todas as vezes que vires hasteada esta bandeira levanta-te ou saúda-a, porque representa a nossa família e a nossa pátria. » Mas viu também que amam a nossa terra, pois encontrou desenhada no mesmo album a nossa bandeira, com a seguinte legenda: « Se vires esta bandeira saúda-a, porque não é só uma tira de pano bicolor — representa um paiz grande, generoso e nobre. » O mesmo album — diz o orador — encerra a musica e a letra do seu hino, simbolo da pátria!

Pois bem! tomemos-lhe o exemplo, amando a nossa pátria e amando o nosso hino, pois tal é a lição que nos envia a Escola Cornelio Saavedra!

Ao terminar o seu eloquente discurso, o orador propõe ás crianças que se levantem e enviem todas um abraço ás crianças da Argentina, na pessoa do ministro ali presente.

N'esta altura as crianças levantaram-se e gritaram: « Um abraço! Viva a Republica Argentina! Viva Portugal! »

O orfeon entoou o hino da Argentina e a *Portuguesa*, sendo levantados entusiasticos vivas á Escola Cornelio Saavedra, ás duas republicas, á pátria, etc.

Eram pouco mais de 16 horas quando terminou esta encantadora festa de solidariedade, sendo os diplomatas acompanhados até á porta com as mesmas honras.

### Discurso de sr. Ministro da Argentina, sr. D. Baldomere Sagastume

Excelentissimos Señores:

Agradezco altamente á la Dirección de la Academia de Estudios Libres los agradables momentos que tan interesante sesión nos ha proporcionado, y cuyos detalles no dejaré de hacerlos conocer en mi patria para que allí se sepa por todos cuánta importancia ha tenido la feliz actuación del ilustre diplomático portu-

gués acreditado en Buenos-Aires donde tan justamente se le estima por sus relevantes dotes intelectuales y de carácter. Aprovecho, á la vez, la oportunidad para expresar mi reconocimiento al Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro Botelho por los amables conceptos con que se ha referido á mi país en esta ocasión y en la brillante conferencia de la otra noche, y celebro muy sinceramente esta nueva manifestación de sus altas prendas de funcionario estudioso y observador que, no obstante una breve residencia en Buenos-Aires, le han permitido apreciar tan profundamente la progresista Nación que me cabe la honra de representar ante la República Portuguesa.

Pocas semanas hace que en la Escuela Cornelio Saavedra de Buenos-Aires se realizaba una interesantísima fiesta, la cual—debido á una iniciativa infantil—estaba llamada á marcar un acto transcendental de confraternidad. Fácil es comprender cuánto habrá él de contribuir á mantener los vinculos que felizmente existen entre los dos pueblos. Mas aún: tal manifestación de afectuosos sentimientos habrá así de estrechar mayormente si es posible en un futuro cercano la reciproca simpatía cuando esos jóvenes educandos se incorporen con sus luces y enerjias á la pléyade de los que, precediéndoles en la grata y patriótica tarea, impulsan sus respectivas nacionalidades por el camino de la paz, del trabajo y de la gloria.

¡Feliz el niño portugués de la Escuela Marqués de Pombal que, por inspiración providencial, con el mas espontáneo y sincero de los gestos, inició aquel homenaje proponiendo á sus condiscipulos la idea de llevar á los amigos de la escuela Argentina el artístico presente que tuvo la virtud y la eficacia de un simbolo de intensas consecuencias para los dos pueblos que así se ligan en la infancia de sus generaciones!

— En aquella fiesta memorable, terminados los acordes de los himnos nacionales de ambas florecientes Repúblicas, cuyas patrióticas y entusiastas estrofas entonaron centenares de gargantas juveniles, elevóse la voz de vuestro representante diplomático, explayándose con la elocuente frase que lo caracteriza sobre el significado del ofrecimiento enviado al través de los mares por los dignos hijos de la noble tierra lusitana. Y, tócame ahora la grata tarea de secundar la acción del Representante portugués, que tan

justamente supo apreciar cuánto puede valer una iniciativa de tal naturaleza en las relaciones de pueblos libres cuyas ideas y anhelos predominantes han sido siempre las que han dado brillo á la raza latina, viniendo así á crear vinculaciones de una índole particular y sincera que la diplomacia moderna no tardará en considerar como el fundamento mas sólido de la paz.

Nada indica mejor el conocimiento de la sociabilidad y fundamentos del progreso argentino, como el estudio del gran problema de la educación común. La enseñanza del pueblo ha sido desde los comienzos de nuestra vida independiente la principal preocupación de los hombres dirigentes; y algunas de estas figuras aparecen tan marcadamente dedicadas en la noble lucha contra la ignorancia, que no debo olvidar en este momento una de las mas grandes personalidades argentinas, el ciudadano, maestro de escuela y, mas tarde, Presidente de la República, Domingo Faustino Sarmiento.

La vida de este gran estadista argentino puede citarse como un esfuerzo continuo en favor de la educación popular; y este factor de su carácter, unido á la extensión de sus conocimientos en todos los ramos del saber humano, inmortalizaron la personalidad de ese maestro de escuela que, como Franklin, llegó á ser todo en su vida pública civil y militar, pareciéndome oportuno ofrecer acerca de él un breve estudio en esta festividad de las escuelas de Portugal y Argentina.

Nació Sarmiento en 1811, un año después de iniciada nuestra vida independiente. Fué su cuna la provincia de San Juan en el extremo oeste del vasto territorio argentino, allá donde se levanta la imponente Cordillera que nos separa de Chile cuyas costas bañan las procelosas aguas del Mar Pacifico.

Tenía Sarmiento doce años cuando Rivadavia, otro Presidente á quien la instrucción pública de mi patria le debe esfuerzos y desvelos, creó un colegio donde sería costeadada la educación, vestuario y mantenimiento de seis jóvenes de cada uno de los Territorios que estaban bajo el Gobierno independiente. La suerte debía designar entre los niños mas aprovechados á los que beneficiarian de una educación superior, y Sarmiento estaba señalado entre los candidatos; pero, como si fuese su destino sufrir en los comienzos una adversidad y no hallar-se su libre intelligen-

cia sometida á la disciplina de estudios coordinados, no le fué dado llenar su deseo, ni pudo tampoco conseguir una beca en la Universidad de Córdoba, la antigua Coimbra argentina. No le quedaba, pues, al pobre niño ávido de conocimientos que engolfarse en la lectura apasionada de todo lo que le cayera en las manos.

Entro en estos detalles porque el esfuerzo de Sarmiento por elevarse á las cumbres á que llegó por sus propios medios y luchando con la pobreza, es un ejemplo para la juventud de todos los países, sirviendo de noble aliciente para el joven que aún sin medios de fortuna puede llegar con su contracción, sentimientos elevados y clara inteligencia donde llegó aquella personalidad cuyo renombre pasó los límites de su propia nacionalidad para convertirse en una figura americana.

Desde muy temprano cosechó los frutos del saber abriendo á los quince años de edad su primera escuela con siete alumnos, todos mayores que él. Era una escolita al aire libre que lo familiarizó con los detalles prácticos de la enseñanza y dió una norma á sus ideas.

A poco se vió envuelto en los sucesos anárquicos de nuestra adolescencia como Nación; y el joven educacionista se convirtió en subteniente de milicias á los diez y siete años y, grado por grado, algunos ganados en el campo de batalla, habria de llegar también á General de la República.

Las vicisitudes de la guerra civil le obligaron á emigrar á Chile. Su primer cuidado fué conseguir en el destierro una plaza de maestro, ganando el misero sueldo de tres escudos por mes. Después fundó una escuela en una pobre aldea perdida entre las breñas de la montaña chilena. Usaba entónces el traje del operario, llegando á causar asombro cuando, interrogado, dejaba traslucir sus vastos conocimientos. Pocos años mas tarde ya formaba parte de la redacción de «El Mercurio», y se encontraba estrechamente vinculado con los hombres dirijentes de aquella República hermana. Los trabajos de Sarmiento dentro de la vida chilena (expresa uno de sus biógrafos), bastantes á absorber una existencia, no le impedían hacer de su incansable propaganda contra la barbarie de la época el asunto principal de su vida. Los artículos en la prensa, los panfletos políticos y sus ensayos litera-

rios y trabajos pedagógicos y sociológicos, se sucedían febrilmente hasta el momento en que pudo volver á su patria.

Su vida fué medio siglo de la historia argentina extendiéndose á todo un continente. Comprendió cuáles eran las medidas que la joven República necesitaba para que entrara desde el comienzo en la vía de un luminoso porvenir; y, sus notables dotes de orador, escritor, legislador, político y sociólogo, así como su prestigio de Presidente de la Nación, todo fué dedicado con el mayor tesón á la instrucción pública; y, si al presente miles y miles de argentinos,—á los que se incorporan los contingentes de las nobles razas européas—saben leer, es debido en gran parte á semejantes esfuerzos.

Tal es la obra de aquel apóstol, propagandista infatigable y hombre de estado, hasta fijar en el convencimiento de las generaciones que le siguieron que la educación del pueblo era la función gubernativa mas eminente y esencial para asegurar la felicidad de la patria.

Por eso decía al comenzar que el Señor Ministro Botelho habia sabido interpretar los caracteres que distinguen á la sociabilidad argentina, y dedicar la preferente atención de su labor diplomática á tan interesante estudio. Él acaba de pintarnos con elocuentes datos el grado de adelanto á que hemos llegado en tal materia.

Los hombres dirigentes de esta República, animados de idénticos ideales, pueden desde luego contar con el brillante porvenir asegurado de la patria; y yo interpreto el sentir de mi país todo al formular mis mas efusivos votos por el engrandecimiento de la Nación Portuguesa así como por la felicidad personal de su venerable Presidente, y mi admiración es grande por esta deslumbrante manifestación del entusiasta espíritu del niño portugués que, conciente del glorioso pasado de la patria, confia tranquilo en su brillante porvenir.

#### Alocação recitada pelo aluno Eurico Cardozo

Senhor Ministro :

Permiti que em nome dos alunos da Academia de Estudos Livres eu venha saudar, na pessoa do seu ilustre Ministro em Por-

tugal, a gloriosissima patria de Sarmiento e de Cornelio Saavedra.

Permiti que saude em vós o carinhoso representante da patria daqueles simpaticos alunos da Escola Cornelio Saavedra, que por uma forma tão comovente e tão linda retribuiram o gesto, certamente adoravel, dos pequeninos da Escola Marquez de Pombal.

Nós—os alunos da Academia de Estudos Livres—sentimo-nos verdadeiramente sensibilizados pelo acto soléne que aqui se realisa e compreendemos bem o fim moral que teve em vista, quem delinhou esta festa.

Quiz-nos dizer, senhor Ministro, que a solidariedade não é uma palavra sem significação quando ella se exemplifica em ações como a que celebramos.

Quiz-nos dizer que devemos amar a nossa patria e que podemos igualmente amar a patria extranha, quando ambas se irmanam nos mesmos principios de justiça e de bondade!

Quiz-nos dizer que no coração devemos guardar a flôr delicada do reconhecimento pelos que se nos dedicam desinteressadamente.

Quiz-nos dizer enfim que devemos á Argentina, á vossa gloriosa terra, o maior reconhecimento, porque ella soube fazer justiça á nossa patria, saudando-a na sua juvenil républica pela voz entusiasta e pura dos seus estudantes.

Senhor Ministro! Permita V. Ex.<sup>a</sup> que em nome de todos nós vos ofereçamos estas flôres.

Nada valem por si. Valem muito pelo que significam. Foram creadas na nossa terra e rescendem perfumes que embalsamaram os nossos campos!

São o simbolo da nossa gratidão pelo acto tão generoso dos nossos amiguinhos d'alem.

Aceitai-as, sr. Ministro.

E quando tiverdes voltado á terra natal, dizei lá que no nosso coração ficou gravado o amor pela vossa patria.

Viva a Republica Argentina!

Viva a Republica Portuguêza!

### Nota impressiva

Um dos momentos mais belos da festa escolar foi o final de sessão. Vibrantes vivas e saudações à Patria e à Republica Argentina tinham concorrido para levantar o entusiasmo da assistencia, composta seguramente por umas 2000 pessoas. De repente, a orquestra dos alunos do Asilo Antonio Feliciano de Castilho executa os primeiros compassos do hino nacional. Todos se levantam e um milhar de crianças das escolas entoa a primeira estrofe da poesia de Lopes de Mendonça, do nosso Hino.

Não se descreve o efeito empolgante do canto nacional, executado em tão raras e sugestivas circunstancias!

Foi sob esta profunda impressão que todos os assistentes abandonaram a magnifica sala do Liceu de Pedro Nunes.

---

## RECTIFICAÇÃO

---

Na conferencia sobre — *Medição de tempo. Catoleros* — publicada nos numeros 7 e 8 — deve suprimir-se na linha 20.ª a palavra *solar*, pois não *estava no original*, e representa apenas um disparate devido à fertil imaginação do sr. compositor.

## A Republica Argentina e a Educação

A Republica Argentina cuida febrilmente da educação e instrução dos seus filhos. Provam-no os documentos que temos á vista.

E' um exemplo para nós.

A Republica Portuguesa necessita tambem de lançar-se abertamente na luta pela educação do povo. Váe nisso a certeza do dia de amanhã, a segurança do nosso futuro.

Como prova do que afirmamos sobre a Republica Argentina, temos a honra de transcrever um artigo publicado pelo importante jornal *La Nación*, de Buenos Aires, em 31 de outubro de 1913:

### Consejo nacional de educación: Presupuesto para 1914

El consejo nacional de educación ha aprobado, elevandolo después a la comisión de presupuesto de la cámara de diputados, el informe producido por su comisión de hacienda y que se refiere al proyecto de presupuesto, por ella formulado, para el año próximo.

Contiene aquel documento un detalle minucioso de las necesidades actuales de la enseñanza; consideraciones extensas sobre la forma de responder a sus exigencias e un meditado estudio de las finanzas del consejo.

### Estructura del presupuesto

Comienza el informe refiriendo-se a la estructura del presupuesto y se propone la división de 11 ítem en un solo inciso y bajo el rubro del consejo nacional de educación, de los gastos de esta oficina.

Agrega que esta cuestión de forma tendría escasa importan-

cia si por ella no se resolviera a la vez una cuestión de fondo, pues de ese modo el presupuesto legaliza la incorporación de las escuelas normales decretada en 1911, además de otras razones de orden económico y técnico, como son la centralización administrativa y la necesidad en que está el consejo de que la ley le atribuya la dirección de aquellas escuelas para poder invertir en ellas fondos que hasta ahora sólo puede emplear en las escuelas de su dependencia.

Explicase luego la distribución que se ha dado en el proyecto a los gastos de la institución y que, en la parte correspondiente a la instrucción propiamente dicha, se anuncia así en seis ítem:

Escuelas primarias de la capital, pesos 20,358,422; escuelas nacionales de las provincias, 7,387,000; escuelas primarias de los territorios, 3,280,680; escuelas de adultos, 1,220,640; escuelas normales, 9,346,632; escuelas de niños débiles, 250,000.

Entiende el miembro informante que en la forma proyectada puede apreciarse el estado de la instrucción y cómo se invierten las rentas destinadas al efecto. Otras disposiciones tendientes a facilitar la acción del consejo completan este capítulo.

### **Leyenda del presupuesto**

Se aconseja en este título del informe la sustitución en el presupuesto de la leyenda, usada en el del año anterior: «Cuyos gastos costados con los recursos asignados por ley número 1420 de 8 de julio de 1884, que serán entregados por los recaudadores bajo su responsabilidad en los términos de la expresada ley, figuran en el presupuesto al solo objeto de fijar el sueldo de sus empleados los gastos de su mantenimiento» por la siguiente: «Cuyos gastos costados con los recursos asignados por la ley número 1420, de 8 de julio de 1884, que serán entregados por los recaudadores bajo su responsabilidad con los recursos propios y con el subsidio fijado en la presente ley.»

Esta última leyenda, que quita al consejo facultad de distribuir los gastos votados, debiéndose éste sujetar estrictamente a lo marcado en el presupuesto. Pero el artículo 20 de la ley general corrige dicha limitación, disponiendo: «Autorízase al consejo nacional de educación para que durante el ejercicio financiero de

1913 pueda aplicar a la instrucción, dentro de las sumas totales que se le han acordado, los saldos que obtuviere de la economía de los gastos administrativos, con tal de que no se aumenten los sueldos fijados en el presupuesto.

La diferencia entre esta autorización y la propuesta estriba únicamente en la eliminación de las palabras «gastos administrativos».

Según ella el consejo podría, con tal de no alterar los sueldos, aplicar a las necesidades de la instrucción todas las economías que realice.

### Tipos de escuela

El consejo entiende que debe tomarse como núcleo o unidad educacional el aula de 30 bancos y de dos turnos, cada turno con un maestro. Aplicando ese criterio a los tipos técnicos de escuela sancionados por la ley de instrucción primaria, resultaría que una escuela infantil teóricamente debe tener por lo menos cuatro aulas, una escuela elemental seis aulas y una escuela superior ocho aulas.

Pero como la concurrencia en el primer grado es muy superior a la concurrencia en los grados superiores, sobre todo en las escuelas infantiles, el número mínimo de aulas en estas últimas debe, pues, aumentarse en uno, y así se tiene como tipo mínimo para escuela infantil cinco aulas de 30 bancos cada una; para elemental, seis aulas de 30 bancos cada una, y para superior, ocho aulas de 30 bancos cada una.

### Escuelas de la capital

Este importante capítulo del informe comienza refiriéndose al criterio que inspiró al congreso para organizar las escuelas de la capital.

Dice después que un cálculo aproximado arroja la cifra de 89.000 analfabetos entre la población escolar de la capital, puesto que de la población escolar calculada (268.000 niños) se educan en las escuelas fiscales 25.000, en las particulares 50.000 y en los cursos de aplicación de las escuelas normales 3944.

No sería práctico — agrega — que de golpe llegara el consejo, aun cuando contara con los recursos necesarios a suprimir el analfabetismo. Los menores obstáculos materiales, falta de locales, falta de maestros, insuficiencia de instalaciones, etc., se opondrían a ello. Cabe esperar, pues, razonablemente que sólo por una acción paulatina y constante se llegará al fin deseado, y comenzando a realizar un plan definido, el consejo se ha propuesto aumentar el número de escuelas y espera, si su plan es aprobado, realizar su objeto en tres etapas.

Para el primer año se proyecta dar instrucción a 150.000 niños, es decir, a 20.000 niños más dentro de los tipos mínimos, lo que equivale, en realidad, a aumentar en 40.000 la cifra de los educandos.

Debe entenderse que esto sería si alcanzaran a vencerse los obstáculos a que se ha echo referencia. Tomando, pues, por base esta cifra de 151.000 escolares, el consejo distribuye las escuelas en la siguiente proporción: Minimum: 200 escuelas infantiles para 60.000 niños, 175 escuelas elementales para 42.000 alumnos infantiles y 21 elementales, 75 escuelas superiores para 10.000 alumnos infantiles, 9.000 alumnos elementales y 9.000 alumnos superiores.

La estadística — continúa — afirma que es un hecho constante la mayor concurrencia escolar en los grados inferiores. El tanto por ciento se establece así: 75 % entre primero y segundo grados, 48 % entre tercero e cuarto grados y 7 % entre quinto y sexto grados: calculando aproximadamente sobre esta proporción y dado el número de niños a educar, habría que distribuir: 112.000 en primer y segundo grados, 30.000 en tercero y cuarto grados y 9.000 en quinto y sexto.

De estos 112.000 niños a educar en los grados infantiles se calcula 60.000 para las escuelas infantiles (primero y segundo grados), 42.000 en las escuelas elementales (primero y segundo grados) y 10.000 en las escuelas superiores (primero y segundo grados).

El número de alumnos a educarse en los tercero y cuarto grados de las escuelas elementales se calcula en 30.000, de los cuales 21.000 se instruirán en los tercero y cuarto grados de las escuelas elementales y 9.000 en los tercero y cuarto grados de las escuelas superiores.

En las escuelas superiores se calcula instruir 9.000. Los 60.000 a instruir en las escuelas infantiles se distribuirán de acuerdo con el tipo mínimo adotado en la siguiente forma: cada aula de 30 bancos y de dos turnos por aula igual a 60 alumnos. Se necesitan, pues, 1.000 aulas de dos turnos cada una con un maestro por turno, o sea 2000 maestros.

Teniendo cada escuela cinco aulas de dos turnos, o sea una capacidad de 3000 alunos, se necesitan 200 escuelas de ese tipo.

De las escuelas elementales los 21.000 alunos que deben instruirse en los tercero y cuarto grados ocuparían 700 aulas de 30 bancos cada aula, repartidas en 175 escuelas elementales a razón de dos aulas por escuela (una de tercer grado y una de cuarto, y dos turnos por cada aula).

En estas mismas escuelas deben ubicarse 42.000 alunos infantiles, porque de los 112.000 calculados, 60.000 están en las infantiles y 40.000 en las superiores. Estos se instruirán en 1400 aulas de 30 bancos cada una, repartidas en 175 escuelas, a cuatro grados por escuela (primer grado atrasado, primero adelantado, y segundo adelantado), y dos turnos.

Los 9000 alunos que restan de los 30.000 que concurren a los tercero y cuarto grados de las 75 escuelas superiores a razón de 30 alunos por aula, dos aulas por escuela y dos turnos por aula.

Los 9000 alunos que concurren a los quinto y sexto grados se instruirán en igual forma que los anteriores.

### **Personal**

Según el informe, existen actualmente 245 escuelas, de las cuales 71 son superiores, 104 elementales y 70 infantiles con 3063 aulas atendidas por 244 directores, 205 vicedirectores, 615 maestros de primera categoría, 1055 de segunda categoría y 1813 de tercera; total: 2932, más 737 profesores especiales.

El proyecto propone: 200 directores infantiles, 174 directores elementales, 75 directores superiores, 450 vicedirectores, 1100 maestros de primera categoría, 1100 maestros de segunda categoría, 3800 maestros de tercera categoría. Total 600, más 575 profesores especiales.

Se disminuye el número de profesores especiales, porque se

les suprime de las escuelas infantiles. En éstas, dada la índole de la enseñanza, se utilizaron los servicios de maestro de grado.

El tipo de escuela proyectado en mínimo quiere decir que no podrá establecerse en adelante escuela con menos aulas ni menos capacidad de las que señala el proyecto. En la actualidad son contadas las que alcanzan ese tipo mínimo. Corresponde, pues, no reducirlas a ese tipo sino mantenerlas en el desarrollo que han alcanzado. A eso responden las partidas de las escuelas infantiles y superiores bajo el rubro de ampliaciones posibles.

Se ha considerado conveniente calcular el costo de cada tipo en personal de servicio y eventuales y multiplicarlo por el número de escuelas respectivo y calcular aparte la dotación de útiles y mobiliario e multiplicarlo por el número de las creaciones en la partida de gastos generales. Así la comisión de presupuesto tendrá el detalle y la suma total.

De lo expuesto surge que las economías a realizar sobre el presupuesto proyectado por el consejo no afectarán la marcha del mismo mientras tengan por objeto, sólo la disminución de escuelas de cada tipo, y siempre que se mantenga el número de personal que actualmente presta servicios en sus distintas categorías. De lo contrario se correría el riesgo de aumentar aparentemente el número de escuelas y disminuir en realidad la instrucción, afectando situaciones adquiridas por maestros con largos servicios.

### Jardines de infantes

Se ensaya la creación de estos jardines de infantes que funcionarán en los barrios obreros de la capital, con fines educativos. Se cuidará y instruirá a los niños pobres que por las exigencias del trabajo de los adultos se dejan abandonados en las casas, serán allí depositados por los padres al ir al taller y recogidos a la vuelta. Al mismo tiempo se les prepara para que cuando lleguen a la edad escolar, estén acostumbrados a la escuela. El consejo espera que si este ensayo prospera el congreso multiplicará para el año 1945 este tipo de jardines de infantes, hasta llenar las exigencias esa rama de la instrucción.

### Escuelas normales

En el proyecto de las escuelas normales la principal preocupación del consejo ha sido la formación de un presupuesto organico que permita no sólo dar unidad a cada uno de los tipos de establecimientos que funcionan en el país y señalar las diferentes categorías con sus necesidades propias, sino que sirva más adelante para dar homogeneidad a la enseñanza y facilite la futura regulamentación que debe dar el consejo nacional a las funciones de todos los cargos directivos y administrativos de las escuelas normales.

Hasta el presente, el presupuesto de las escuelas normales no obedeció a ningún plano fijo ni determinado, ni para la distribución de los sueldos, ni para los fines de la enseñanza.

— En el proyecto presentado, los presupuestos parciales de cada escuela tienen toda una organización igual y obedecen a un mismo plan, diferenciándose solamente en el número de catedráticos y auxiliares de acuerdo con la población escolar del momento y los cálculos más aproximados para el año venidero.

La división se ha hecho en seis categorías y no tiene por objeto establecer escuelas distintas, ni dar una enseñanza especial en cada orden. En realidad es propósito del consejo respetar por ahora las tres categorías existentes; es decir, las escuelas de profesores, de maestros y rurales.

Se han proyectado nuevas divisiones con el fin de aceptar lo que está ya establecido en el presupuesto en vigor, arreglando las diferencias de sueldos en el personal directivo y administrativo, que establece aquella ley, muy justamente de acuerdo con las categorías actuales de escuelas y con las necesidades de la vida en las distintas regiones en que están ubicadas. El presupuesto en vigor establece aquellas diferencias y el trabajo del consejo ha consistido sólo en repartirlas de manera conveniente y equitativa, elevando algunos sueldos y rebajando otros, sin aumentar las sumas totales sino reduciéndolas en una cantidad apreciable.

El presupuesto de cada escuela normal se divide en ítems que comprenden el curso normal, el curso de aplicación, el jardín de infantes donde lo hay y los gastos generales. El propósito de esta división es determinar la inversión de los fondos en cada

departamento y evitar en lo posible que empleados de un curso presten servicios en otro, confundiendo sus funciones, como tambien precisar las que corresponden a cada empleado, tendiendo asi desde ahora a facilitar la aplicación de la ley sobre estabilidad del magisterio, cuyo producto tiene despacho favorable de la comisi6n correspondiente de la c6mara de diputados.

Con respecto al curso de aplicaci6n el consejo ha creido indispensable adem6s de considerarlo implícitamente comprendido de la ley 9051, asimilar los cursos de aplicaci6n a las escuelas primarias ya que adem6s de servir de escala para los estudios normales tienen iguales funciones y favorecer a los maestros de aquellos cursos con el aumento del 20 por ciento que goza desde el a6o actual el personal docente de las escuelas superiores, elementales y infantiles. El trabajo de unos y otros maestros es el mismo y hay adem6s una raz6n fundamental en favorecer, con ese aumento a los regentes y maestros de grado de las escuelas de aplicaci6n desde que en todos los casos se les exige un titulo profesional cuya consecuci6n no se estimularia de otro modo fuera de que sin ese aumento no estarían retribuidos de manera condigna los servicios que prestan.

Se ha asignado, pues, en el proyecto de presupuesto la remuneraci6n del personal de las escuelas superiores al cuerpo directivo y docente de los cursos de aplicaci6n de las escuelas de profesores (primera y segunda categorías), los sueldos del personal de las escuelas elementales a todos los cursos de aplicaci6n correspondientes a las escuelas de maestros rurales.

Estas equiparaciones no comportan un aumento en la cantidad total.

El proyectado aumento de los gastos generales responde al deseo de evitar las tramitaciones engorrosas que deben hacerse cada vez que es necesario adquirir material de ensefianza, reparaciones y otros gastos peque6os, dotando de una peque6a partida a cada establecimiento.

### Escuelas suprimidas y creadas

Aconseja la supresi6n de las escuelas normales rurales de San Justo (Santa Fe), La Banda (Santiago del Estero), Rosario

de la Frontera (Salta), San Isidro (Catamarca) y Santo Tomé (Corriente) aunque esta última pertenece a la categoría de mixta común, pero comparable a las primeras por su ambiente escolar.

Estas escuelas por diversas razones ha creído el consejo conveniente reemplazarlas por cuatro en la capital federal, donde el exceso de población escolar ha hecho crear fuerza de presupuesto, anexas a tres de las escuelas normales existentes, tres nuevas escuelas compuestas dos de ellas de un primer año normal y una escuela de aplicación, elemento este que no es posible retirar de los establecimientos ni incorporarlos a los existentes, saturados de población escolar, ni mantenerlos el año próximo en las condiciones actuales.

Con respecto a las becas, el consejo cree que sería eficaz una leyenda por la cual quedara autorizado para utilizar indistintamente en una escuela las becas sobrantes en otra.

### Escuelas nacionales de la provincia

Luego de hacer diversas consideraciones sobre la aplicación de la ley 4874, el consejo encuentra conveniente dar impulso a las escuelas rurales.

Se establecen 1200 escuelas de este tipo: 720 de un solo maestro y 550 de dos maestros, sobre un total de 4570 proyectadas.

Actualmente existe un total de 4382 con uno, dos, tres y hasta siete maestros. Se mantiene el tipo de escuela infantil y de escuela elemental con un pequeño aumento, por cuanto resulta contraproducente cerrarlas. En cuanto a las escuelas superiores que se proponen en un total de nueve, no responden en manera alguna al deseo de implantar esta enseñanza a cargo de la nación; razones de índole diversa y que ni se refieren a la ley 4874, han aconsejado su creación. Cinco de estas escuelas, las del Rosario de la Frontera, La Banda, San Isidro (Catamarca), Santo Tomé (Corrientes y San Justo) Santa Fe no son creaciones. Son el resultado de supresiones. El proyecto de presupuesto de escuelas normales suprime los puntos mencionados, las escuelas de ese tipo por insuficiencia de alumnos y maestros. En cambio mantiene las escuelas de aplicación de concurrencia numerosa. Y

como no puede mantenerlas con el título de escuelas de aplicación, por que éstas presuponen la existencia de un curso normal, las denomina escuela superior, porque su programa y su enseñanza son idénticos a las de este tipo.

Las escuelas de Jachal, S. Francisco del Monte y otras son preparatorias de un curso normal y responde su creación a constantes solicitudes hechas al P. E., al congreso y al consejo.

### Escuelas de los territorios

El tipo de escuela adoptado para los territorios nacionales es en un todo conforme con el propuesto para las provincias. La modificación más importante introducida por el consejo se refiere a los sueldos de los maestros.

Actualmente existen dos escalafones de sueldos en la instrucción primaria del consejo: el escalafón de la capital y territorios y el escalafón de provincias. El proyecto propone igualmente dos escalafones: el de capital y el de provincias y territorios. En síntesis, una equiparación de territorios a provincias en vez de una equiparación de territorios a capital.

Después de algunas consideraciones sobre lo equitativo de los sueldos propuestos para el informe pasa a ocuparse del funcionamiento de esas escuelas, de las que hay 11 superiores, 34 elementales y 251 infantiles, es decir, 296.

El proyecto propone 200 escuelas rurales de un solo maestro, 150 escuelas rurales de dos maestros, 100 escuelas elementales y 45 escuelas superiores. Total: 465. Propone además 25 talleres de trabajo manual y 25 cursos nocturnos para adultos.

El consejo piensa que debe prestarse una atención preferente a la instrucción primaria de adultos en los territorios nacionales por la clase especial de su población, y a título de ensayo propone 25 cursos nocturnos.

### Escuelas militares y para adultos

Se proponen 100 escuelas para adultos con 100 directores y 200 subpreceptores, y 80 escuelas en los cuarteles y buques de la armada con un director y subpreceptor cada una y 20 directo-

res y 100 subpreceptores más para attender a las exigencias fáciles de prover, sobre todo si se aumenta como sucederá el número de unidades militares y navales.

### Presupuesto

He aquí en resumen el presupuesto formulado:

Ítem 1, consejo nacional de educación, 81.000 \$; 2 secretaria, 1.539.820; 3 escuelas primarias de la capital, 20.358.122; 4 escuelas nacionales de las provincias, 7.387.800; 5 escuelas primarias de los territorios, 3.280.680; 6 escuelas de adultos, 1.220.640; 8 escuelas de niños débiles; 10 gastos generales, 5.256.900; 11 para edificación escolar, que será atendida en la parte referente a las escuelas de la capital, con los fondos de la ley 7102, 2.000.000. Total, 41.264.000 \$.

El ítem corresponde a las escuelas normales y el 9 a la subvención extraordinaria a las provincias y no figuran en este presupuesto.

---

Ha duas especies de coragem; tão rara é uma quanto a outra é vulgar. A coragem física do guerreiro, do gladiador ou do acrobata passiona-se pelas ruas; é suscitada e sustentada pelos olhares da multidão. Temos todas nas veias algumas gotas de sangue dos conquistadores, dos aventureiros, dos piratas que nos precederam. Quando uma paixão sobre ou baixa nos inflama, quando estamos sob o imperio da colera, do riime, d'um generoso entusiasmo ou do alcool, tornamo-nos facilmente heros. . . A coragem moral não se encontra tantas vezes. É a coragem de viver a sua própria vida, não como o entendem as heroínas do teatro obsceno, do romance perverso, e os criminosos ou mariolas varios que o juri do Sena acarinha, não viver a sua vida obedecendo aos appetites e aos impulsos da besta, mas viver a sua vida segundo a sua consciencia e a sua razão. Quantos homens que com sangue frio affrontariam a metralha ou se entregariam a acrobatismos de aeroplano, são incapazes de se levantarem contra a opinião, contra os vituperios, gracejos e sarcasmos das multidões. . .

(Do livro *Pour être sage.*)



O iniciador da homenagem à Escola Cornelio Saavedra, de Buenos-Aires,  
**José Lopes**, filho de Joaquim Lopes, natural de Lisboa e de 13 anos de idade.  
Actualmente aluno do Liceu de Passos Manuel, em Lisboa.

## FESTAS ESCOLARES

### Sessão solene para recepção dum estandarte oferecido á Academia de Estudos Livres por uma comissão de alunos.

Na noite de 24 de novembro de 1913 realison-se esta festa escolar, de que passamos a dar circunstanciada noticia:

A sessão solene, que teve começo ás 21 horas, foi presidida pelo sr. José Pinheiro de Melo, presidente da Academia de Estudos Livres, secretariado pelo sr. Agostinho Fortes, lente da Universidade de Lisboa e sr. J. Cardoso Gonçalves, secretario da direção da Academia.

Depois de breves palavras do sr. presidente, alusivas ao acto que ia praticar-se, entrou na sala a comissão de alunos trazendo o estandarte desfraldado a sr.<sup>a</sup> D. Maria Fortunata Pinto de Lima. Subindo ao estrado da presidencia a portadora do estandarte, acompanhada pela sr.<sup>a</sup> D. Sara Correia Alves, leu a seguinte mensagem, impressa em pergaminho e a letras de ouro:

*Á dig.<sup>ma</sup> direção da Academia de Estudos Livres.* — Saudação do curso de admissão á Escola Normal, desta Academia, aos seus dignissimos directores e professores.

«Como homenagem minima e testemunho sincero da nossa admiração e do muito interesse que despertou esta simpatica instituição escolar, vimos oferecer á Academia de Estudos Livres esta modesta insignia, pedindo á Ex.<sup>ma</sup> direção que nos seja concedida a honra de a aceitar como sendo a bandeira da nossa Academia.

E, permiti ainda, que assim testemunhemos tambem aos nossos bons mestres a profunda gratidão e devotada estima que lhes tributamos.

Com os nossos veementes votos para que a Academia de

Estudos Livres gose sempre do bom nome e prestígio que tão justamente merece, aceitai senhores as nossas mais calorosas saudações.

Lisboa, 23 de Novembro de 1913. — *Maria Fortunata Pinto de Lima, Sara Correia Alves, Aurora da Encarnação Augusta, Izaura de Freitas, Lucie Baron Cabrier, Hermínia da Conceição Lagóa, Cacilda da Conceição Lagóa, Maria dos Santos Móra, Aurora Alves, Maria Luíza Abel, Cândida Amaral Reis, Lucreia Gomes Pereira, Luíza Paiz dos Santos Pinho, José dos Santos Barrucho.*

A seguir a aluna sr.<sup>a</sup> D. Sara Correia Alves proferiu as seguintes palavras:

«Solidariedade escolar!

«Nestas palavras resumimos todo o nosso pensamento ofertando hoje uma bandeira á nossa Academia.

Dentro em alguns annos teremos concluído a nossa vida escolar e encetado a nossa missão de educadores do povo. Mas atraz de nós, a ligar-nos pela mais estreita simpatia, ficará esta bandeira modesta, representando a nossa gratidão, os veementes desejos de que a Academia prospere sempre até tornar-se o maior simbolo da regeneração da Pátria, que ha de fazer-se pela educação integral de seus filhos. Esta ligação espirital, esta solidariedade, ha de prender-nos os corações atravez das difficuldades do sacerdocio que desejamos exercer. Entre os nossos risos, e . . . porque não empregarei a palavra justa? . . . na nossa esturdiada de estudantes, conservamos sempre a veneração pelos que nos ajudaram desinteressadamente, pelos que, olhos fitos no sublime ideal, trabalham sem descanso pelos outros, exercendo assim uma actividade que é mil vezes santa, porque não procura a recompensa fóra da sua consciencia! Sim, é ela, a consciencia, que lhes dá a alegria do dever cumprido e a alegria de um triumpho que é o triumpho da verdade e da luz!

Porque — dizem elles, os nossos educadores — o homem pelo simples facto de nascer fica logo devesor para com as gerações do passado, que lhe condicionaram a vida de fórma a permitir melhora-la constantemente. A divida de cada um pelo trabalho enorme

das gerações que já não existem, por cada um deve ser paga na medida das suas forças. E só depois de cumprido este dever social, o homem poderá ser livre e evocar justiça, que é — entre a solidariedade e a liberdade, entre o passado e o presente — a medeadeira sublime, que estabelece o acordo e vigia para que a humanidade continue avançando no caminho do progresso.

A nossa bandeira traduz todos estes sentimentos, que afloram do íntimo das nossas almas, flores pequeninas, flôres modestas que vicejam sob a luz quente do sol e apenas pedem a todos vós um bocadinho de simpatia pela sua singeleza.

Foi assim que nos ensinaram nesta casa a exercer o sublime princípio da solidariedade escolar. O dever custa pouco a cumprir quando ha em nossas consciencias a convicção de que praticamos um acto de justiça.

Aos nossos mestres, aos nossos directores pedimos que se conservem sempre, sempre nossos amigos. O seu exemplo de trabalho e de estudo nunca nos esquecerá, servindo-nos de farol para nos guiar na vida, que nos dizem tão difficil e escabrosa.

E tu, minha bandeira querida! sê sempre o elo que nos prenda a esta simpatica Escola! Sê o penhor da nossa amizade pelos que nos deram aqui a luz bendita do saber! E' um bocado da nossa alma que representas! Beijo-te por isso enternecidamente — um beijo de saudade e de esperanza, saudade pelo passado, esperanza pelo futuro! \*

Vibrantes e entusiasticos aplausos coroaram esta allocução, que foi proferida pela aluna com verdadeiro sentimento.

Depois o sr. presidente sauda em termos calorosos o orador que vai seguir-se, sr. Agostinho Fortes, illustre lente da Universidade de Lisboa.

As palavras do sr. José Pinheiro de Melo foram sublinhadas pelo aplauso da assemblea.

Levanta-se o sr. Agostinho Fortes e profere um discurso de que damos a summa:

Agradece as palavras imerecidas de Pinheiro de Melo e os aplausos da assemblea que sublinharam essas palavras. Ama os pequenos, os miseraveis. E' para esses que vão todas as suas

simpatias. Que lhe importa os grandes? O que permanece sobre a face da terra é a dôr sacrosanta dos que labutam por um pedaço de pão negro... Vem falar a uma assembléa que festejou ha pouco o acto digno e levantado de 16 victimas sacrosantas, porque a verdade é que em Portugal o professorado não ganha ainda o suficiente para não morrer de fome... Sim! E' do professor que sâe o progresso; mas não supõemham por isso essas meninas e esse rapaz que vão seguir a carreira do magisterio primario, que o caminho lhes será facil de trilhar. O professor é ainda hoje em Portugal o proletario que mais sofre. Oxalá que ele, um dia, obtenha todas as regalias a que tem direito!

Temos de caminhar muito. Não ha duvida de que a nossa patria atravessa uma fase de profunda renovação. Em tres anos, que tantos conta apenas o novo regimen, não se poderia exigir que se fizesse mais. A nossa terra era alguma cousa de maldita, eramos um povo de sonambululos. Pesavam sobre nós males tão grandes, que constituíamos quasi objecto de zombaria. Até ha pouco eramos os representantes da Turquia neste rincão do Ocidente, donde ha 5 seculos saiu um punhado de homens a conquistar para a Europa e para a civilisação as terras riquissimas do Oriente. Quem nos avaliava porém pelo simples aspéto externo ignorava uma cousa: a existencia de poderosissimas forças latentes, que um dia explodindo haviam de trazer a nação para a corrente civilisadora. E era o Povo quem conservava em si essa potencia..

Hoje a alma nacional váe despertando, estremunhada. Haverá indecisões. Que admira, se o homem, quando acorda, não tem nos primeiros momentos a visão nítida do que o rodeia...

Vamos em demanda dum novo porto: hoje já se fala na instrução, que ha a distribuir...

Saber ler e escrever não basta. Já váe longe o tempo em que se pensava que abrir uma escola era fechar uma prisão. A frase lirica de Victor Hugo representava apenas a aspiração duma alma generosa. Mas se o alfabetismo não é a panacea para todos os males sociaes, não se segue que não procuremos resgatar da ignorancia a nossa boa gente.

A Escola é verdadeiramente a Oficina do futuro, onde vamos remodelar, afeiçoar as gerações novas. Mas essa Oficina requer

condições de existência que, de maneira alguma, lhe podemos recusar. A Escola quer-se alegre como a vida, cantante como a natureza. Os pequenos seres que ali guardamos, são tenras vergontes reclamando todos as nossos carinhos: a Escola deve ser afável como um sorriso de mãe... Será ali que formaremos o caracter da futura geração!

*Formar caracteres*: eis o fim superior da Escola, digna desse nome. A monarchia desconheceu por completo este problema. Não nos deixou escolas: legou-nos ergastulos!

E' preciso que fornêmos professores, orientados nos novos processos pedagogicos, mas é preciso que lhes dêmos meios sufficientes para a sua sustentação e decoro.

E' preciso que insulfêmos na Escola o amor pela nossa terra! Que temos feito neste sentido até hoje? Nada. Qual é a escola portugueza onde os trabalhos commecem, em cada dia, pelo arvorar da bandeira nacional? onde os trabalhos acabem pela cerimonia emocionante do arriar do mesmo sagrado simbolo?

E' contudo esta pratica é corrente nalgumas republicas sul-americanas, onde a bandeira arvorada é sinal de que a Escola trabalha, a Escola está preparando os futuros cidadãos, consciôdos dos seus deveres civicos, homens livres duma nação livre!

As nossas escolas são desconfortaveis, peores muitas vezes que as gaiolas dos cães de luxo. Nas nossas escolas falta o espirito de solidariedade: o delator é ainda premiado. Isto é a negação absoluta da educação...

Temos de remodelar a Escola, tornar educativa a sua ação, banindo o verbalismo, cultivando sentimentos de solidariedade.

Felizmente que a iniciativa particular váe na vanguarda, trabalhando desinteressada, abrindo caminhos novos. A Academia de Estudos Livres é um exemplo de tenacidade que não deve esquecer-se. Ha muito que se sacrifica pela causa da educação. A sua existencia tem sido cheia de contrariedades. Muitas vezes, nos tempos mais dificeis, quando tinha até de lutar contra o espirito reaccionario do antigo regimen, ela viu-se exausta de recursos monetarios. Mas sem desanimar, sem abater nunca a sua bandeira, que era uma bandeira de revolta contra a rotina, contra a tibieza de muitos, contra a falta de fé nos destinos da patria de tantos, ella perliou e venceu, creando entre todos os que a

seguem este comovente espírito de fraternidade, que hoje se revela nesta linda festa escolar, em que um punhado de creanças veem offerecer á sua Academia um belo estandarte, num gesto de simplicidade que é o melhor elogio do character destes bons portuguezes, futuros mestres da geração que seguirá á nossa.

Vão seguir o seu curso. Trabalhem, não pela conquista dum diploma mas pela conquista do saber. O beijo que deram no estandarte é o beijo á patria que resurge e muito tem a esperar dos seus filhos . . . »

As palavras eloquentes e sentidas do sr. Agostinho Fortes causaram um entusiasmo delirante.

Fechando a sessão, o sr. José Pinheiro de Melo agradece, em nome da Academia, a presença dos professores que quizeram associar-se á festa dos seus alumnos. Agradece mais uma vez ao sr. Agostinho Fortes o ter vindo prestar á solenidade o brilho da sua palavra. Endereça calorosas saudações ao distinto professor sr. Ribeiro Cristino, que deixou o seu nome vinculado no belo e artistico estandarte oferecido á Academia. Por ultimo pede a todos os presentes, que não falem á festa que a Academia de Estudos Livres vá realizar no Liceu de Pedro Nunes no dia 4 de dezembro, em homenagem á Escola Cornelio Saavedra, de Buenos-Aires. Que as alunas oferentes do estandarte sejam as portadoras nessa solenidade do simbolo belo, que representa agora esta gloriosa coletividade: é o seu desejo.

A sessão é encerrada entre freneticos vivas á Patria e ao som do suggestivo hino nacional, executado pelo sexteto.

O sexteto, que abrilhantou a festa tocando primorosamente alguns numeros de musica era composto pelos dedicados amigos do Academia, sr. Silveira Paes, (regente), sr.<sup>a</sup> D. Eulalia Gonçalves Paes, Mario Cabral, Antonio Pacheco, Fernando Gameiro e Miguel Coelho.

# CONFERENCIAS E PALESTRAS

## Educação e Autarchia (\*)

Autarchia — a etymologia o diz — quer dizer governo proprio, poder pessoal, governo de cada um por si mesmo. É a expressão positiva da mesma idéa que Proudhon designou pelo termo negativo anarchia. Contudo, não adopto este termo, não porque tenha medo da palavra, mas porque, com quanto os dois desiderata se toquem por muitos lados, os pontos de partida sociológicos e as concepções philosophicas são diferentes.

Governo proprio — isto comprehende governo de pensamentos e emoções, e governo dos actos; governo psychico e governo politico; ausencia de auctoridade exterior, quer espiritual, quer temporal. Autarchia politica é hoje apenas um ideal longiuquo e seria irracional pensar que pôde ser produzido d'um momento para o outro um effeito social que tem de ser a resultante de uma complexa evolução ideologica — scientifica, philosophica, esthetica e industrial. — O que, todavia, de modo algum nos dispensa de fazermos todos os esforços para apressar essa evolução derrubando os obstaculos demasiadamente impertinentes.

Quanto á autarchia espiritual ou moral, ella é accessivel, e, em todos os tempos, os caracteres verdadeiramente independentes a tem attingido. A condição primordial, sem a qual a autarchia não pôde existir, é o livre exame sem restricções. Aquelle que quizer ser livre tem de desembaraçar-se de todos os preconceitos que nos vêem do vasto oceano sociologico em que banhamos constantemente desde o nascimento e muito antes mesmo de nascermos — preconceitos de familia, de raça, de religião, de classe, de corporação, de seita, de patria e tantos outros inclassificados — preconceitos anti-religiosos, preconceitos democraticos,

(\*) Extracto d'uma conferencia realisada na Academia de Estudos Livres em 25 de dezembro de 1899. Foi conservada a orthographia do original.

preconceitos do bem, preconceitos do mal, etc.: e tantas vezes não nos libertamos d'uns senão para cairmos noutros. Elles envolvem-nos de todos os lados, formando complicada teia que os passos do nosso espirito trazem enrevezados; mais, elles fazem parte da nossa propria substancia psychica. D'ahi a difficuldade immensa e a dôr que sentimos quando os destruimos. Mas é sômente por este preço que se pode ser livre. E o meio de o conseguir é o estudo constante de si mesmo, a análise dos proprios sentimentos e das crenças n'elles implicadas, a busca dos moveis mais occultos e das causas inconscientes dos nossos actos. Aqui, como em todos os mais dominios do universo, é, conhecendo a natureza dos phenomenos e o seu modo de produção, que podemos domina-los e precaver-nos contra elles. Além de que, se nos libertamos da influencia dos preconceitos alheios, sem nos libertarmos dos proprios—que são herdados ou suggeridos na idade da irreflexão e portanto alheios—a nossa liberdade será illusoria. E d'ahi, em parte, talvez que ella o seja sempre.

Os preconceitos dos diversos grupos sociaes representam erros sociologicos fixados em instituições, conservadoras e defensoras das crenças que lhes deram origem. São, pois, obstaculos entre o individuo e a socialidade, impedindo não só a visão clara das realidades sociologicas, mas embargando-o de entrar em contacto directo com ellas e de as assimilar na sua pureza, de modo a transformar o altruismo estreito e incompletamente desenvolvido de profissão, de classe ou de partido no altruismo mais largo e mais complexo, mais voluntario e mais reflectido de que a *individualidade social* é a synthese suprema. Aqui levanta-se a questão adjacente do *egoismo* e do *altruismo*; mas ella resolve-se do mesmo modo que a antinomia entre o individuo e a sociedade.

O egoismo é já altruismo, a consciencia individual envolvendo as gerações anteriores, os seus educadores, os seus contemporaneos. Por outro lado, o altruismo, como subordinação do individuo aos interesses da colléctividade, é o egoismo no ser colléctivo.

Na consciencia do *eu* entra já a idéa de *outrem*: *outrem* é parte integrante do *eu*. Esta verdade não é geralmente visivel, porque se confunde o individuo organico, factor da socialidade com a *individualidade social*, producto da sociedade.

Ha, pois, identidade entre egoismo e altruismo, como entre o quente e o frio, a luz e as trevas, o solido e o fluido, binarios em que a sciencia infantil viu antinomias tão «tragicas» como o é para os moralistas a do bem e do mal, e que uma sciencia mais bem informada considera como graus apenas da mesma energia physica. Todavia, se se deve considerar o egoismo como um grau inferior de altruismo — um altruismo mais estreito, reduzido a um pequeno circulo, — já não é tão rigoroso dizer que o altruismo é um egoismo superior: isto poderia levar a supôr que o egoismo é que é primitivo e o altruismo derivado — o que não é verdade conquanto seja a opinião vulgar. É que o eu sem inclinação para outrem não existe senão em biologia; pelo contrario, o individuo social é uma synthese do individuo psycho-physico e do outrem sociologico.

.....

Toquei acima da antinomia do *bem* e do *mal*. A sua existencia ainda hoje, como eixo em torno do qual giram todas as nossas idéas moraes e a resistencia — conquanto já comee a ser vencida — que encontra por parte da grande maioria dos espiritos a idéa da identidade do *moral* e do *social*, é um signal bem patente do atrazo em que se acha a sociologia. Esta axiologia ou avaliação moral das coisas foi provavelmente commum a todas as disciplinas scientificas nos estadios inferiores do seu desenvolvimento. É assim que não só em sociologia e em biologia, mas em physica, em astronomia e em chimica, ou antes nos rudimentos de sciencias — therapeutica dos simples, preparações dos phyltros, magia, astrologia, alchimia, feiticaria, adivinhação pelo vôo das aves e pelas entranhas das victimas, etc. — que as representavam na antiguidade (Chaldeus, Persas, Egypcios, etc.) e na idade média, nós encontramos as idéas de bondade e maldade dos phenomenos observados, em expressões tais como «astros favoraveis» ou «funestos», «céus clementes» ou «irritados», nas cerimoniaes para conjurar os trovões e as séccas, as ervas dotadas de virtudes maravilhosas, as doenças enviadas por génios malfazejos ou deuses irritados, as curas pelos milagres, as obras magicas e o magnetismo, etc. Com a religião christã, conservaram-se as procissões e as preces, as purificações e os exorcismos dos antigos, mas o si-

gnal da cruz, a agua benta e os *Agnus Dei* substituiram os talismans, os sortilegios e as encantações.

Nestas épocas de saber embryonario, o homem em vez de estudar os phenomenos a fim de lhes conhecer as leis e applica-las ás suas necessidades, julgou poder obrigar os agentes naturais a obedecer aos seus fins por meio de conjurações e de fórmulas sacramentaes. Tal é o carácter da magia e das sciencias occultas em geral, como das religiões ou —o que vem a dar na mesma— do saber confuso das primeiras edades da humanidade. Então era isso de tal modo natural que nas proprias mathematicas encontramos a noção phantastica de numeros «fastos e nefastos», hoje retornada, da intelectualidade collectiva ao dominio da emotividade organica, e só encontravel nos atavismos das organizações individuaes.

Pouco a pouco, porém, as diversas sciencias abstractas foram-se desembaraçando da primitiva nebulosa ideologica, expulsando de si toda a especie de noções axiologicas. Hoje nenhum physico ou chimico se lembraria de pôr o problema de saber se a decomposição da luz pelo prisma ou a combinação do oxygenio e do azote são coisas boas ou más. E na pratica, em vez de se descompôr o trovão e atirar-lhe sétas, como certos selvagens ou fazer rézas como nalgumas terras europeas, põem-se simplesmente para raios nos edificios e estabelecem-se postos meteorologicos destinados a informarem-nos sobre a marcha das tempestades.

Em biologia, contudo, a noção axiologica conservou-se nas idéas de *normal* e *anormal*, de *saude* e *doença*, de *prazer* e *dôr*. O progresso do saber tem, porém, mostrado, desde Broussaís, que as leis da pathologia são as mesmas que as da physiologia, em condições particulares que a experimentação vai desvendando. Por ultimo, em sociologia, as noções de *ben* e *mal*, de *justo* e *injusto*, começam já a apparecer a alguns espiritos independentes como simples graus d'uma mesma realidade. Busca-se ousadamente a sua genese e as condições e leis segundo as quaes o bem se transforma em mal e o mal em bem.

Tomando aquellas palavras na sua maior extensão, o bem é para cada genero de existencia o que favorece a sua passagem a um modo de existencia superior, e mal tudo quanto faz regressar a vida a modos mais simples e menos systematisados.

.....

Não admittir coisa alguma sem exame, por mais evidente que ella se nos apresente; não se espantar, não rejeitar idéa ou juizo algum á primeira vista, por mais opposto que elle seja á nossa maneira de vêr pessoal; não proceder nunca conforme os modos communs sem primeiro os criticar — tal é a condição sem a qual da autarchia. Diante de phrases como estas: «é uma indignidade» «é infame», analyse-se o seu conteúdo, busque-se os sentimentos de quem as profere: chegar-se-ha muitas vezes a estranhas descobertas. Fallam-nos, com a mais viva irritação, de tal acto praticado por fulano ou gemem os prêlos com a narrativa de um infanticidio, a indignação publica desborda. Em vez de se irritar, em vez de se indignar, o autarcha examina: a indignação impede a vista clara das coisas. Grande regosijo colléctivo, enthusiasmo a rodo. Em vez de se enthusiasmar o autarcha examina: se houver razões para enthusiasmo, elle virá depois, consciante e reflectido, capaz de impellir á acção séria, em vez de ser um mero fogo de palha. E é para com as opiniões e juizos mais correntes que ha mister afinar mais a vista, porque é ali justamente que ella tem mais facilidade em se turvar.

Sobretudo affastar do juizo a emotividade. E que as emoções, sendo crenças passadas ao dominio do inconsciente, — por suggestão, imitação ou herança — a attitúde mental expressa pela indignação, por exemplo, affirma de antemão, sem exame, a verdade dos juizos que ella implica. E um processo summario, uma sentença proferida sem ouvir o accusado.

*José de Magalhães*

## RELATORIO DA DIREÇÃO

SENHORES

Como nos cumpre, vimos prestar-vos contas da gerencia de 1912-1913.

Esforçar-nos-émos por ser claros e concisos, dizendo sem ambages o que pensamos sobre a nossa situação actual.

A Academia de Estudos Livres, que desde 1889 (há quasi um quarto de seculo) vem trabalhando por uma grande causa, merece que lhe dediquemos toda a atenção e respeito. Ela define perfeitamente, nas suas aspirações e no trabalho realiado, o estado de espirito de uma geração revolucionaria, que surgiu após a consagração nacional de 1880 (centenario de Camões).

Perante a falencia das instituições constitucionaes, servidas por uma subserviente literatura official, já se levantara em Coimbra a dessidencia de Antéro e de Teófilo Braga, procurando dar ao paiz um ideal, uma filosofia, uma arte. Os pontos culminantes dessa luta contra o passado foram, a nosso vêr:—a tentativa da constituição do partido socialista, as conferencias do Casino e a celebração do centenario de Camões. Este ultimo facto sintetizou todo o movimento, galvanizando a classe intelectual e trazendo o povo à organização do partido republicano. A ideia estava em marcha. Urgia combater o indiferentismo publico, pondo em contacto a nação com o espirito moderno, de que andavamos desviados pela educação jesuitica desde os fins do seculo XVI, após o esforço exgotante dos descobrimentos.

— Ao mesmo tempo que para a politica (no sentido mais alto desta palavra) as atenções voltavam-se para a questão do ensino. A Camara Municipal de Lisboa collocou-se então á frente do movimento em prol da renovação dos processos educativos. Elias Garcia foi o denodado apóstolo da educação popular. Todos se lembram ainda da criação da primeira escola Froebel no Jardim da Estrela, dos batalhões escolares, do movimento febril que tomaram as chamadas escolas municipais. Foram os primeiros passos para um destino novo, servido tambem pelo genio de João de Deus ao crear o seu metodo de leitura, a que deu um titulo affectuoso, a definir a orientação nova do ensino — A CARTILHA MATERNAL.

— Dentro deste quadro, a Academia de Estudos Livres appareceu em 1880 nas vespersas do ultimatum, de sinistra memoria. Ia travar-se a batalha definitiva, que teve a sua primeira convulsão em 31 de Janeiro de 1891 e a derradeira, com o triunfo da Republica, em 5 de Outubro de 1910. Entre estas datas a luta accentua-se até á queda da monarchia, que não soube ir ao encontro da corrente aproveitando-a em seu favor, como se fez na Italia, por exemplo.

— Quem percorrer as paginas da historia da Academia de Estudos Livres ha de encontrar os vestigios dessas lutas. Queremos por agora citar só dois exemplos. Assim, em 1893, depois de ter apparecido á luz a celebre teoria do engrandecimento do poder real, que teve como pai espirital o grande publicista Oliveira Martins, fez-se a reforma do ensino secundario por uma maneira que alarmou sinceramente os espiritos liberaes. Os intuitos reformistas eram aparentemente os melhores. O que existia até ali não era defensavel. Mas o que vinha estatuir-se permitia evidentemente o triunfo dos manejos reaccionarios. A sombra da nova lei o celebre colégio de Campolide impunha-se definitivamente á burguezia, arrebanhando e preparando os futuros dirigentes. Os outros colégios quasi não podiam lutar com o colosso. Liceus, dignos deste nome, não havia. Neste estado de coisas, para a causa da liberdade, o problema complicava-se lamentavelmente. Os programas estabelecidos pela reforma eram detestaveis; o predomínio dos chamados estudos classicos incompativel com as necessidades do pais.

Em presença da situação, a Academia de Estudos Livres desceu à estacada e iniciou uma série de conferencias, feitas pelo professor José Augusto Coelho, em que analisava a nova lei e se apontavam os seus defeitos. O caso fez escandalo nas altas regiões do poder (era no tempo da primeira ditadura do sr. João Franco) e a Academia foi castigada retirando-se-lhe a casa em que estava instalada na rua Serpa Pinto, pertencente ao Estado, que a emprestara, mercê dos esforços do sr. dr. Bernardino Machado. O pretexto para a expulsão foi a necessidade de alargar as instalações do teatro de S. Carlos. A casa era precisa, disse o officio de despejo, para camarins de bailarinas . . .

Em 1905 iniciou a Academia de Estudos Livres o curso popular de Historia Patria, professado pelo sr. Agostinho Fortes. O erudito professor fez uma brilhante série de lições durante 5 anos, lições que foram o mais cruel e mais justo escalpelo aplicado aos erros do antigo regimen. A affluencia de publico, que a principio era diminuta, aumentou para o fim, quando o professor entrou no estudo das lutas politicas do seculo XIX, tão suggestivas como exemplo que não podia perder-se. Estava-se então no auge da segunda ditadura franquista e aquelas lições eram quasi a unica voz que se levantava em nome da sciencia a combater pelos ideais da liberdade. O caso teve tambem eco nas altas regiões do poder, porque, a frequentar assiduamente o curso, começou de apparecer a policia secreta. A propaganda era na verdade temerosa, pois que, para apreciar no justo valor o presente, nada melhor do que o exemplo do passado. E Agostinho Fortes fazia uma obra verdadeiramente instructiva mas demolidora. A direcção da Academia recebeu por varias vezes aviso da auctoridade para terminar as lições. O espectro da dissolução apparecia francamente com as concomitantes ameaças de retalições que seriam applicadas aos dirigentes . . . funcionarios publicos! No entanto o curso continuou até ao dia em que devia realisar-se a ultima lição, data gloriosa para a liberdade—24 de Julho de 1907 (aniversario da entrada do exercito liberal em Lisboa). O professor, comemorando o dia historico, devia tomar por tema precisamente o remate das lutas entre o absolutismo e a liberdade, que em 1833 estava consubstanciada no Constitucionalismo. A ultima lição não pode porém realisar-se, porque na noite da conferencia a policia armada irra-

diu a casa da Academia para vigiar a reunião. A Academia achou-se coacta perante a brutal investida e declarou logo publicamente que a lição ficava adiada para quando caísse a odiosa ditadura. E cumpriu-se a palavra.

A importancia do curso de Historia Patria professado na Academia de Estudos Livres foi mais tarde reconhecida pelo Governo da República Portuguesa, quando nomeou Agostinho Fortes para o lugar de lente da Universidade de Lisboa. Prova-o o decreto, que publicamos a seguir e que está arquivado como um dos mais justos titulos de honmerencia, que a Academia de Estudos Livres tem o direito de reivindicar.

### Diario do Governo de 6 de Janeiro de 1911

«Ministerio do Interior—Direção Geral de Instrução Secundaria, Superior e Especial—Terceira Repartição.

Atendendo ao que me representou Agostinho José Fortes, em data de 9 de Dezembro do ano findo, dizendo que, tendo sido transferido por decreto de 6 do mesmo mês e ano, da cadeira de Historia Universal, Antiga, Medieval e Moderna, do Curso Superior de Letras, o professor Manoel Maria de Oliveira Ramos, para a cadeira de Historia de Portugal, rogava a sua provisão para a vaga resultante dessa transferencia fundado nos documentos com que fôra admitido ao concurso publico da referida cadeira e no processo do mesmo concurso em que se prova ter sido aprovado por unanimidade em merito absoluto, sendo tambem votado em merito relativo, documentos estes que se encontram na Direção Geral de Instrução Publica, Secundaria, Superior e Especial—3.ª Repartição, e ainda em que possui o curso completo da lingua grega; Atendendo tambem ao facto de ter professado durante cinco annos consecutivos, um curso livre de Historia Patria, na Universidade Popular ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES, com séde em Lisboa: Hei por bem, tomando em consideração estes factos e a necessidade, para bem do ensino, do provimento da cadeira vaga, decretar com força de lei:

Art. 1.º—É nomeado Agostinho José Fortes para o lugar de

professor da cadeira de Historia Universal Antiga, Medieval e Moderna, no Curso Superior de Letras.

Art. 2.º—As autoridades e repartições a quem o conhecimento do presente Decreto interessa, o cumpram e façam cumprir tão fielmente como nele se contém.

Paços do Governo Provisorio da República, 5 de Janeiro de 1911.—O Ministro do Interior, *Antonio José de Almeida.*

Explicada por esta forma a interferencia da nossa associação na vida publica, justifica-se perfeitamente o empenho que todas as direções tem tido em trabalhar sempre pelo seu desenvolvimento.

A Academia de Estudos Livres é uma instituição que tem custado muito a conservar e a impôr. Se a sua vida publica tem sido gloriosa, a sua vida interna tem passado por crises tremendas. Salvou-a sempre dum desastre o seu amor a esta terra, que tanto necessita ainda do esforço e da dedicação dos que nela nasceram.

Não tem sido a Academia de Estudos Livres demasiadamente beneficiada com o auxilio pecuniario dos benemeritos da instrução. Essa infelicidade explica-se, nos parece, porque ela constitue um tipo de associação ainda incompreendido no nosso meio. Não exerce publicamente a beneficencia. As suas aulas, os seus cursos são pagos. O publico imagina que esses pagamentos constituem importancia sufficiente para as despesas sociais e desinteressasse da nossa vida interna. Aproveita os serviços da Academia e, quantas vezes! volta-lhe depois descaravelmente as costas! Das pessoas que concorrem com as suas quotas, quantas não perguntam, passado o primeiro entusiasmo, que garantias oferece a Academia, que pôde ela dar-lhes?! E, assim, não se estabilisam as dedicações . . .

A obra da Academia de Estudos Livres é incompreendida, pois. Não se exteriorisa em festas de caridade. Não exalça a escola como panacea para resolver o problema da miseria. Ultimamente até, nem premios tem distribuido aos seus alunos . . . Não admira assim que os seus trabalhos provoquem o sorriso da indiferença.

Estas faltas apparentes são, porém, as suas maiores qualida-

des. Lutar por um ideal, servido pela religião invulgar da solidariedade é, no nosso meio, quasi um crime. Será a suprema virtude de amanhã.

A titulo de curiosidade, e como exemplo do que pôde a iniciativa particular dos capitalistas, não posta simplesmente ao serviço da beneficencia mas oferecida tambem ao progresso da humanidade, seja-nos permitido citar alguma coisa do que se tem feito nos Estados Unidos da America

Em 1900 o milionario Rockefeller fundou o *Rockefeller Institute for Medical Research*. Estabeleceu-lhe primeiro um capital de 200 contos, que depois elevou a 8.240 contos! O fim deste instituto é permitir aos sabios, em todos os pontos do paiz, investigações especiaes relativas à medicina. Em New-York o Instituto tem um hospital especial para 70 doentes. Mas os enfermos não são recolhidos para se exercer um acto de caridade aliás muito louvavel: *são-no para servirem de estudo aos sabios, que com as suas descobertas beneficiarão toda a humanidade* . . .

A *Carnegie Institution*, organizado em Washington em 1912 recebeu do seu fundador Andrew Carnegie donativos que ascendem hoje à importância de 25.000 contos. Divide-se em 10 secções: evoluções experimentais, biologia maritima, estudos historicos, economia politica e sociologia, magnetismo terrestre, observações solares, laboratorio de geo-fisica, botanica, laboratorio para o estudo dos generos alimenticios, astronomia. Em 1912 o Instituto tinha já publicado 250 volumes com 200 estudos diversos, além de 4500 artigos saídos em revistas scientificas. O Instituto possui dois observatorios astronomicos, cinco laboratorios e um navio. O seu fim exclusivo é animar as investigações originaes nos diferentes dominios do saber. *As descobertas produzidas não beneficiarão só os infelizes mas toda a humanidade, sem exclusão de raças.*

O *Henry Phipps Institute* foi fundado em Philadelphia em 1903. O seu fim é o estudo da tuberculose. Possui um hospital para tuberculosos e vastos laboratorios. Estuda tambem esta doença sob o aspêto das suas consequencias sociais.

A *Russel Sage Foundation*, de New-York, fundada em 1907, propõe-se melhorar as condições sociais nos Estados Unidos. Es-

tuda essas condições sob o ponto de vista scientifico e faz a propaganda desses estudos, ao mesmo tempo que protege as obras de utilidade publica. O seu capital é de mais de 10.000 contos.

Finalmente, descejamos citar ainda o *Carnegie Endowment for International Peace*, fundado em 1910 pelo celebre Andrew Carnegie, já acima citado a proposito de outra grandiosa iniciativa. Esta instituição estuda as causas das guerras e o que elas custam. Trabalha na redação dum código internacional e no estabelecimento dum tribunal internacional. O seu capital é de mais de 10.000 contos.

Todos estes dados são extrahidos dum artigo da revista *Les Documents du Progrès*, e, servindo-nos como exemplo, aproveitamos como lição a quem no nosso paiz quizer entrar no mesmo caminho.

Certamente que os nossos milhonarios nunca poderão hombrar com os potentados da livre America — o Rei do Petrólio, o Rei dos Caminhos de Ferro . . . As condições do nosso paiz são muito diversas. Mas, assim mesmo, alguma coisa poderíamos e deveríamos conseguir.

A Academia de Estudos Livres tem tido sempre em mente realisar a sua missão de Universidade Popular. Mas este proposito tem sido contrariado pelas condições do meio. E' preciso, porém, perseverar. Estamos convencidos de que a nossa propaganda não será perdida e um dia chegará em que triunfemos por completo. Para tal conseguir — é nosso parecer — torna-se indispensavel uma casa apropriada, porque — a verdade é esta — as actuaes instalações já não correspondem aos nossos desejos e necessidades. Nós estamos positivamente em luta com a falta de espaço para nos desenvolvermos. As aulas diurnas e noturnas já difficilmente se acomodam na actual sede. Para os socios, que não sejam alunos, não temos uma casa disponivel, onde possam reunir-se. O gabinete de leitura é exiguo, não para o numero de leitores infelizmente diminuto, mas porque nele já não podem acomodar-se mais livros. Tal é a situação, que poderá ainda ser encarada sob outro ponto de vista: se a Academia tem, como universidade popular, o direito de isolar-se dos seus socios, se ela não ganhará muito em transformar-se num centro de convi-

vio social, num centro de atração, onde todas as noites—se tanto fosse possível—houvesse lições, conferencias, cursos livres de vulgarisação. Isto a par das aulas profissionais, a que dedica, neste momento, quasi exclusivamente todas as suas atenções. Nós até entendemos que estas duas partes—aulas profissionais e cursos, conferencias de vulgarisação, etc.—deviam estar por completo separadas.

O problema fica exposto nas suas linhas gerais. Que uma futura direcção consiga resolve-lo—é o nosso maior desejo.

No ano findo proseguimos na realisação de visitas de estudo e conferencias. Junto ao relatorio encontrareis a resenha desses trabalhos de propagação educativa. Se mais não fizemos foi porque não nos foi possível. Tendo de lutar com a concorrência de outras instituições, que recrutam o seu pessoal no mesmo campo, e sendo o nosso meio tão restrito que nos conhecemos todos os que trabalham n'esta obra—*sempre as mesmas caras* como sóe dizer-se—é facil de vêr que a nossa propagação nunca pôde ser intensa.

Chamamos a vossa esclarecida atenção para a iniciativa que tomámos da publicação regular da nosso boletim—Os ANAIS DA ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES. Dispensamo-nos de encarecer o valôr que têm para a A. E. L. o ser representada por uma revista de educação. É uma afirmação de vida que está perfeitamente de acordo com os nossos intuitos. Ha de naturalmente trazer um acrescimo de despeza, porque, no nosso paiz, publicações com a indole dos ANAIS nunca enriqueceram os editores. Restará saber se o sacrificio será compensado pelas vantagens. Vós, com a vossa esclarecida opinião, direis se a direcção precedeu ou não, neste capitulo em harmonia com os superiores interesses da Academia.

A cerca das nossas aulas falam os mapas juntos, melhor do que nós o poderíamos fazer. A Academia de Estudos Livres continua a afirmar a sua superioridade pela regularidade e efficacia dos seus cursos e pelos resultados que deles obtem os alunos.

Esta parte do programa é a que mais colide com o papel de universidade popular, que a Academia deseja ter. Se atendessemos aos princípios não deveríamos preocupar-nos com as aulas da índole das que estabelecemos. Isto é bem sabido de todos. Mas a verdade é que para tal caminho fomos impolidos pelas circunstancias. E a verdade é que a Academia tem prestado relevantes serviços com a pratica d'essas aulas. Parece, pois, que *per enquanto* devemos continuar. Mais tarde, em melhor casa e melhor sitio, remodelaremos os serviços conforme indicámos no capitulo anterior, ficando a secção das aulas completamente separada da secção, que constituiria propriamente a UNIVERSIDADE POPULAR.

Resta-nos falar das nossas condições financeiras.

Os mapas juntos permitem avaliar a actual situação economica. Por eles observa-se o estado de relativa melhoria desta instituição. Provam-no os seguintes numeros:

**Recceita de quotas e estatutos da Academia e sua  
Escola Marquês de Pombal**

|                   |           |
|-------------------|-----------|
| em 1908-1909..... | 1.884\$20 |
| em 1909-1910..... | 2.211\$85 |
| em 1910-1911..... | 2.313\$30 |
| em 1911-1912..... | 2.332\$15 |
| em 1912-1913..... | 2.376\$15 |

Se considerarmos, porém, somente as importancias das quotas e estatutos recebidos por conta da Academia, com exclusão das quotas da escola Marquês de Pombal, obteremos os seguintes numeros:

|                   |           |
|-------------------|-----------|
| em 1908-1909..... | 1.663\$10 |
| em 1909-1910..... | 1.985\$85 |
| em 1910-1911..... | 2.063\$60 |
| em 1911-1912..... | 2.400\$20 |
| em 1912-1913..... | 1.970\$30 |

Relativamente a 1911-1912 houve pois neste ano economico

uma diminuição de 129\$90 devida sem dúvida á crise economica por que passa o paiz e á concorrência que esta sociedade está encontrando na sua propaganda.

A importancia recebida por matriculas nas aulas noturnas acusa tambem melhora de situação e crescente confiança nos esforços da Academia.

Essas receitas foram :

|                   |           |
|-------------------|-----------|
| em 1908-1909..... | 527\$60   |
| em 1909-1910..... | 723\$60   |
| em 1910-1911..... | 785\$65   |
| em 1911-1912..... | 943\$75   |
| em 1912-1913..... | 1.006\$90 |

A comparação de todas estas verbas de receita leva-nos á seguinte conclusão: a Academia conseguiu aumentar progressivamente o credito das suas aulas, mas viu acuar-se neste ano uma depressão na receita de quotas dos seus socios e subscritores. Quer isto ainda dizer: a Academia *subiu* como associação de instrução e *desceu* como Universidade Popular.

Outros factos da nossa vida interna levam-nos á mesma conclusão. O mal só poderá ser conjurado, e facilmente, quando a Academia dispor de uma instalação, repeti-nos. E como este desideratum ha de realizar-se, a situação não é para desesperar.

Continuando a análise da nossa situação financeira, vejamos agora o que nos dizem algumas verbas de despesa.

Os vencimentos dos professores das aulas noturnas, foram :

|                   |         |
|-------------------|---------|
| em 1908-1909..... | 565\$90 |
| em 1909-1910..... | 607\$70 |
| em 1910-1911..... | 820\$85 |
| em 1911-1912..... | 824\$40 |
| em 1912-1913..... | 954\$40 |

Desde 1898 (data da reconstituição da Academia) temos gasto com os professores e recebido de matriculas..... 5.844\$76  
o que dá um *deficit* de ..... 158\$76

Quer dizer: a Academia nada lucrou com a verba de receita-matriculal — que foi consumida pelas aulas, ainda beneficiadas na importância de 158\$76 retirada das outras receitas. Julgamos dever acentuar o facto porque muitas pessoas estão persuadidas de que a Academia *ganha* com os seus cursos, quando a verdade é que *recebe com uma mão e entrega com a outra*.

O unico lucro seria o das quotas pagas pelos alumnos ou por quem os representa. Se atendermos, porém, a que não necessitaria a Academia de pagar uma grande renda (700 escudos por ano) e de fazer despesas avultadas, como as que vamos citar, se limitasse a sua acção educativa a reuniões, conferencias, passeios e excursões, vê-se que o suposto provento material será sempre negativo.

Em ordenados a empregados, gastou-se:

|                   |                  |
|-------------------|------------------|
| em 1908-1909..... | 405\$36          |
| em 1909-1910..... | 487\$00          |
| em 1910-1911..... | 503\$37,5        |
| em 1911-1912..... | 663\$18,5        |
| em 1912-1913..... | 694\$22          |
| Soma.....         | <u>2.844\$04</u> |

Em *diversas* despesas (incluindo o consumo de gaz e agua, expediente, etc.), gastou-se:

|                   |                    |
|-------------------|--------------------|
| em 1908-1909..... | 780\$99,5          |
| em 1909-1910..... | 488\$05            |
| em 1910-1911..... | 536\$02            |
| em 1911-1912..... | 567\$72,5          |
| em 1912-1913..... | 503\$71,5          |
| Soma.....         | <u>2.856\$40,5</u> |

Entrando na apreciação das verbas relativas á Escola Marquês de Pombal, vejamos qual foi a receita e despesa total deste util estabelecimento desde que a Academia dele tomou conta:

|                       |                    |
|-----------------------|--------------------|
| a receita foi de..... | 2.192\$91,5        |
| e a despesa de.....   | 3.817\$35,2        |
| <i>Deficit</i> .....  | <u>1.624\$43,7</u> |

Eis uma das nossas verbas mais importantes de despesa. Abençoado, porém, seja tal *deficit* que, a nosso vêr, constitue um dos melhores títulos de gloria para a Academia.

Com estas citações e ainda, pelo exame de outras verbas, que por brevidade omitimos, prova-se triunfantemente que a Academia poderá ser acusada de prodigalidade, mas nunca de alcançar vantagens por exploração gananciosa. As pessoas e as colectividades que a auxiliaram com o seu donativo podem, pois, ficar tranquilas sobre a applicação do seu dinheiro.

A Academia não sendo — repetimos — uma associação caritativa, não deixa de exercer por isso uma acção altruista.

Mas todas as razões e numeros expostos, todo o ensinamento que se tira das nossas contas, nos levam a outra conclusão: a Academia não poderia ter realisado uma obra tão larga sem recorrer ao credito.

Assim aconteceu.

A Academia devia:

|                   |             |
|-------------------|-------------|
| em 1909-1910..... | 2.284\$48   |
| em 1910-1911..... | 2.478\$49,1 |
| em 1911-1912....  | 2.000\$80,6 |
| em 1912-1913..... | 2.441\$56,8 |

Em cada uma destas verbas incluem-se: a importancia de 350 escudos, de uma letra sacada pelo prestimoso socio sr. Julio Maria de Souza sobre a Academia e que representa um emprestimo feito á instituição quando se instalou na actual sêde; e o saldo da conta de *emprestimos gratuitos* em cada gerencia.

Vê-se que a situação não é boa, embora haja a contrabalançar o debito a importancia do activo da Academia, que é de 3.615\$44,2, o que dá ainda para saldo e capital social a importancia de 1.473\$87,4.

Abstemo-nos de mais considerações ante a eloquencia dos

numeros que não poderiam atestar melhor a verdade de tudo que afirmamos.

Chegados ao fim da nossa tarefa e cumprindo gostosamente um dever tradicional para com todos que nos auxiliaram a bem desempenhar a nossa missão, temos a honra de vos propôr que mandeis exarar na acta um voto de louvôr:

1.º—A todas as pessoas e coletividades que prestaram á Academia auxilios materiais e morais;

2.º—A todos os conferentes, directores de excursões e visitas e professores que exerceram gratuitamente os seus cargos;

3.º—A todas as pessoas e coletividades que enviaram publicações para o gabinete de leitura;

4.º—A imprensa do paiz em geral, e em especial ás redações dos jornais da capital — *Diario de Noticias*, *O Seculo*, *O Mundo*, *A Lucta* e a *Republica*, pela fórma como acompanharam e serviram no ano findo a propaganda educativa da Academia.

Lisboa, 4 de Outubro de 1913.

Pela Direcção

*Antonio Joaquim de Sá Oliveira*

*Antonio Francisco Marques*

*Francisco Bernardino Cardoso*

*J. Cardoso Gonçalves*

*Manuel Esteves Camara*

## ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Balançe referido a 3e de Junho de 1913

| ACTIVO                            |             | PASSIVO                    |             |
|-----------------------------------|-------------|----------------------------|-------------|
| Obrigações da Ville de Paris..... | 360\$00     | Letras a pagar.....        | 350\$00     |
| Obrigações de 3 1/2 de 1906 ..... | 20\$00      | Emprestimos gratuitos..... | 211\$00     |
| Anais da Academia.....            | 98\$11      | Devedores e Credores ..... | 1:880\$56,8 |
| Móveis e mobiliario escolar ..... | 2:125\$44,5 | Capital .....              | 1:173\$87,4 |
| Biblioteca .....                  | 991\$48,5   |                            |             |
| Cadernos escolares.....           | 14\$93,5    |                            |             |
| Caixa .....                       | 5\$46,7     |                            |             |
|                                   | 3:615\$44,2 |                            | 3:615\$44,2 |

Lisboa, em 31 de Outubro de 1913.

Pelo presidente da Direcção, *Antonio Joaquim de Sá Oliveira*. — O secretario da Direcção, *J. Cardoso Gonçalves*. — O tesoureiro, *Francisco Bernardino Cardoso*.

## ACADEMIA DE ES

Mapa demonstrativo da Receita e Despesa desde

## TUDOS LIVRES

1 de Janeiro de 1898 a 30 de Junho de 1913

| Designação das contas                             | 1898 a 1907-1908 |              | 1908 - 1909 |           | 1909 - 1910 |             |
|---|------------------|--------------|-------------|-----------|-------------|-------------|
|   | Receita          | Despesa      | Receita     | Despesa   | Receita     | Despesa     |
| Quotas e estatutos .....                          | 6:538,415        | -            | 1:663,410   | -         | 1:086,485   | -           |
| Análise da Academia .....                         | 179,430,5        | 133,437,5    | 3,488       | -         | 436         | -           |
| Donativos e div.ºs receitas                       | 45,423           | -            | 138,447     | -         | 154,470     | -           |
| Ordenados a empregados e percentagens .....       | -                | 1:596,473,5  | -           | 403,436   | -           | 487,490     |
| Rendas .....                                      | -                | 2:694,469    | -           | 600,400   | 1,450       | 650,400     |
| Diversas despesas (incluindo do gaz e agua) ..... | -                | 2:715,433,5  | -           | 789,499,5 | -           | 458,496     |
| Excursões e visitas .....                         | 2:560,484,5      | 2:533,419    | 303,400     | 911,463   | 374,480     | 376,401,5   |
| Matriculas .....                                  | 1:695,420        | 26,460       | 527,460     | -         | 720,460     | -           |
| Ordenados a professores .....                     | -                | 1:981,431    | -           | 365,490   | -           | 607,470     |
| Benefícios .....                                  | 5:023,413,5      | 1:586,400    | 474,454     | 250,424   | 373,436     | 244,440     |
| Mobiliário e biblioteca .....                     | -                | 1:158,497,5  | -           | 349,402,5 | -           | 284,477     |
| Contribuições .....                               | 39,465           | 57,480       | -           | -         | -           | -           |
| Devedores e credores .....                        | 1:171,402,2      | 1:276,469    | 425,477     | 427,476,5 | 215,416     | 462,429     |
| Concertos musicas e outras festas .....           | 77,420           | 140,440      | -           | 10,400    | -           | -           |
| Empréstimos gratuitos .....                       | 245,400          | 174,430      | 289,450     | 34,450    | 25,450      | 45,450      |
| Juros .....                                       | 11,466           | 1,466        | 1,471       | -         | -           | 4,457       |
| Diplomas e cadernos escolares .....               | 8,470            | 10,424       | 7,430       | -         | 18,400      | -           |
| Legados .....                                     | -                | -            | -           | -         | -           | -           |
| <b>Escola Marquês de Pombal</b>                   |                  |              |             |           |             |             |
| Quotas e donativos .....                          | 888,431,5        | -            | 221,410     | -         | 226,400     | -           |
| Professores .....                                 | -                | 534,400      | -           | 193,450   | -           | 342,400     |
| Ordenados a empregados e percentagens .....       | -                | 194,406,3    | -           | 45,404    | -           | 61,487      |
| Rendas .....                                      | -                | 176,400      | -           | 8,400     | -           | -           |
| Diversas despesas .....                           | -                | 173,411,5    | -           | 48,471,5  | -           | -           |
| Saldo para 1913-1914 .....                        | -                | -            | -           | -         | -           | -           |
|   | 17:192,441,2     | 17:180,457,7 | 4:686,497   | 4:650,467 | 4:008,483   | 4:118,406,5 |

| 1910 - 1911 |             | 1911 - 1912 |             | 1912 - 1913 |             | TOTAL        |              |
|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------|--------------|
| Receita     | Despesa     | Receita     | Despesa     | Receita     | Despesa     | Receitas     | Despesas     |
| 2:083,460   | -           | 2:100,420   | -           | 1:970,430   | -           | 16:451,430   | -            |
| 5,444       | -           | 171,487     | 245,488     | 135,430     | 88,485      | 496,415,5    | 479,400,5    |
| -           | -           | 48,497,5    | -           | 207,408,5   | -           | 1:000,446    | -            |
| -           | 203,437,5   | -           | 663,418,5   | -           | 604,422     | -            | 4:140,477,5  |
| 35,400      | 500,491     | 55,400      | 408,431     | 65,400      | 933,493,1   | 156,450      | 5:786,436,1  |
| -           | 536,402     | -           | 567,472,5   | -           | 568,471,5   | -            | 5:571,404    |
| 4:365,494   | 3:902,426   | 476,400     | 484,400     | 1:115,443,5 | 1:055,469   | 9:827,402    | 9:827,478,5  |
| 785,465     | -           | 943,475     | -           | 1:030,460   | -           | 5:712,440    | 26,460       |
| -           | 820,485     | -           | 824,440     | -           | 854,440     | -            | 5:844,456    |
| 14,492      | 10,400      | 434,494     | 259,411     | 516,428     | 281,402     | 4:837,417,5  | 2:640,477    |
| 1,450       | 415,463     | -           | 321,409     | -           | 149,452,2   | 1,450        | 2:679,461,2  |
| -           | -           | -           | -           | -           | -           | 39,465       | 57,480       |
| 900,400     | 505,489,5   | 612,491,5   | 607,461,5   | 44,400      | 322,410     | 2:668,486,7  | 3:902,435,5  |
| 254,479,5   | 204,411,5   | 42,480      | 31,436,5    | 16,419,5    | 58,418,5    | 390,459      | 534,406,5    |
| 7,400       | 35,450      | -           | 5,400       | -           | 3,400       | 567,400      | 238,480      |
| -           | -           | 1,440       | -           | -           | -           | 14,477       | 16,423       |
| 16,464      | -           | 18,422      | -           | 9,454       | 5,458       | 78,440       | 15,482       |
| 166,406,5   | -           | 166,466,5   | -           | 166,466,5   | -           | 499,499,5    | -            |
| 219,470     | -           | 231,485     | -           | 405,485     | -           | 2:192,491,5  | -            |
| -           | 424,450     | -           | 664,400     | -           | 699,400     | -            | 2:557,400    |
| -           | 49,447      | -           | 931,419,5   | -           | 110,458,5   | -            | 554,422,2    |
| -           | -           | -           | -           | -           | -           | -            | 154,400      |
| -           | -           | -           | -           | -           | -           | -            | 222,413      |
| -           | -           | -           | -           | -           | -           | -            | 5,446,7      |
| 8:166,485   | 8:085,462,5 | 5:304,468,5 | 5:179,449,5 | 5:088,425   | 5:894,466,5 | 45:137,499,7 | 45:137,499,7 |

Lisboa e sede da Academia de Estudos Livres, 34 de Junho de 1913.

Pelo Presidente da Direcção, Antonio Joaquim de Sá Oliveira.—O Tesoureiro, Francisco

Berrinho Cardoso.

## ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Conta de Receita e Despesa no ano economico de 1912-1913

| TITULOS DAS CONTAS               | MOVIMENTO          |                    |                                 |
|----------------------------------|--------------------|--------------------|---------------------------------|
|                                  | Receita            | Despesa            |                                 |
| <b>Saldo do ano de 1911-1912</b> | <b>206,441,5</b>   |                    |                                 |
| Quotas.....                      | 1.934,40           | £                  |                                 |
| Estatutos.....                   | 35,490             | £                  |                                 |
| Matriculas.....                  | 1.030,460          | £                  |                                 |
| Beneficios.....                  | 516,528            | 281,502            |                                 |
| Analis da Academia.....          | 135,430            | 88,425             |                                 |
| Donativos e outras receitas..... | 83,418,5           | £                  |                                 |
| Legados.....                     | 166,468,5          | £                  |                                 |
| Devedores e credores.....        | 44,400             | 322,410            |                                 |
| Rendas.....                      | 65,400             | 333,433,1          |                                 |
| Subsidios.....                   | 120,400            | £                  |                                 |
| Excursões e visitas.....         | 1.115,443,5        | 1.085,469          |                                 |
| Trabalhos manuais.....           | 3,490              | £                  |                                 |
| Cadernos escolares.....          | 7,438,5            | £                  |                                 |
| Festas escolares.....            | 16,419,5           | 58,418,5           |                                 |
| Diplomas.....                    | 400                | £                  |                                 |
| Artigos de expediente.....       | 1,465,5            | 5,458              |                                 |
| Ordenados a professores.....     | £                  | 95,440             |                                 |
| Ordenados a empregados.....      | £                  | 406,490            |                                 |
| Percentagens ao cobrador.....    | £                  | 207,432            |                                 |
| Gaz e agua.....                  | £                  | 203,451,5          |                                 |
| Biblioteca.....                  | £                  | 89,438,3           |                                 |
| Moveis e mobiliario escolar..... | £                  | 65,414             |                                 |
| Emprestimos.....                 | £                  | 3,400              |                                 |
| Despesas diversas.....           | £                  | 300,420            |                                 |
| <b>Escola Marquês de Pombal:</b> |                    |                    |                                 |
|                                  | <b>Receita</b>     | <b>Despesa</b>     |                                 |
| Quotas.....                      | 405,485            | £                  |                                 |
| Professoras.....                 | £                  | 6,9400             |                                 |
| Empregados.....                  | £                  | 70,400             |                                 |
| Percentagens de cobrança.....    | £                  | 40,458,5           |                                 |
|                                  | <b>405,485</b>     | <b>809,458,5</b>   | <b>405,485</b> <b>809,458,5</b> |
| <b>Saldo.....</b>                |                    |                    | <b>5,446,7</b>                  |
|                                  | <b>5.894,466,5</b> | <b>5.894,466,5</b> |                                 |

Lisboa, em 31 de Outubro de 1913

Pelo Presidente da Direcção, Antonio Joaquim de Sá Oliveira.—O Tesoureiro, Francisco Bernardino Cardoso.

# ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

ANO LECTIVO DE 1912-1913

Mapa estatístico das matriculas effectuadas nas aulas diurnas e noturnas, frequencia, numero de lições, etc.

| AULAS   | Numero de matriculas | Frequencia em aulas de 15 de 15 | FIZERAM EXAME |                      | ELIMINADOS          |                            | Numero total de lições | Média da frequencia |
|---|----------------------|---------------------------------|---------------|----------------------|---------------------|----------------------------|------------------------|---------------------|
|   |                      |                                 | na Academia   | em escolas officiaes | Por termo desistido | Por deliberação da Direção |                        |                     |
| Instrução primaria diurna (Escola M. Pombal)..... | 114                  | 75                              | —             | 14                   | 38                  | 1                          | 788                    | 65,78 %             |
| Escola Maternal.....                              | 43                   | 34                              | —             | —                    | 9                   | —                          | 195                    | 79,06 %             |
| Instrução primaria (1.ª e 2.ª grau).....          | 96                   | 42                              | —             | 34                   | 54                  | —                          | 324                    | 43,75 %             |
| Português.....                                    | 46                   | 21                              | 5             | 1                    | 25                  | —                          | 80                     | 45,65 %             |
| Francês (1.ª e 2.ª parte).....                    | 91                   | 54                              | 24            | 1                    | 37                  | —                          | 147                    | 59,34 %             |
| Inglês (1.ª e 2.ª parte).....                     | 61                   | 32                              | 12            | —                    | 29                  | —                          | 162                    | 52,45 %             |
| Desenho (1.ª, 2.ª e 3.ª parte).....               | 38                   | 30                              | 23            | —                    | 8                   | —                          | 162                    | 78,94 %             |
| Matematica elemental.....                         | 31                   | 19                              | —             | —                    | 12                  | —                          | 6                      | 61,29 %             |
| Contabilidade.....                                | 61                   | 24                              | 17            | —                    | 37                  | —                          | 91                     | 39,34 %             |
| Admissão á Escola Normal (Ano de 1911-1912).....  | 14                   | 13                              | —             | 13                   | 1                   | —                          | 67                     | 92,85 %             |
| Admissão á Escola Normal (Ano de 1912-1913).....  | 26                   | 20                              | —             | 14                   | 6                   | —                          | 138                    | 76,92 %             |
| Rudimentos de musica.....                         | 27                   | 12                              | —             | 4                    | 15                  | —                          | 59                     | 44,44 %             |
| Piano.....  | 18                   | 10                              | —             | 1                    | 8                   | —                          | 130                    | 55,55 %             |
| Violino.....                                      | 10                   | 5                               | —             | —                    | 5                   | —                          | 61                     | 50 %                |
| Harmonia.....                                     | 3                    | 2                               | —             | —                    | 1                   | —                          | 63                     | 66,66 %             |
|   | 679                  | 393                             | 81            | 82                   | 285                 | 1                          | 2.563                  |                     |

Lisboa, em 31 de Outubro de 1913. — Pelo Presidente da Direção, *Antonio Joaquim de Sá Oliveira*. — O Secretario da Direção, *J. Cardoso Gonçalves*.

## ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Ano lectivo de 1912-1913

Mapa estatístico indicando as idades dos alunos que frequentaram as aulas noturnas

|                              |     |
|------------------------------|-----|
| Dos 12 aos 15 anos.....      | 127 |
| Com 16 anos.....             | 22  |
| Com 17 anos.....             | 27  |
| Com 18 anos.....             | 26  |
| Com 19 anos.....             | 15  |
| Com 20 anos.....             | 19  |
| Com 21 anos.....             | 13  |
| Com 22 anos.....             | 10  |
| Com 23 anos.....             | 21  |
| Com 24 anos.....             | 12  |
| Com 25 anos.....             | 4   |
| Dos 26 aos 30 anos.....      | 22  |
| Dos 31 aos 35 anos.....      | 9   |
| Dos 36 aos 40 anos.....      | 3   |
| Dos 41 aos 45 anos.....      | 2   |
| Ignoram-se as idades de..... | 9   |
| Total.....                   | 341 |

|                               |           |
|-------------------------------|-----------|
| Alunos do sexo masculino..... | 256       |
| Alunos do sexo feminino.....  | 85        |
|                               | <hr/> 341 |

Lisboa, em 31 de Outubro de 1913.

Pelo Presidente da Direcção, *Antonio Joaquim de Sá Oliveira*.—O Secretario da Direcção, *J. Cardoso Gonçalves*.

# ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Ano lectivo de 1912-1913

Mapa estatístico das matrículas nas diversas aulas letivas. — Classificação per profissões

| AULAS                    | Escritas | Tuadas | Semlhares | Comerciaes | Milares | Capataes | Criados | Plague | Impressos | Cantores | Escritores | Empregados no comércio | Typographos | Escrivães | Empregados | Musicaes | Constitue | Empregados publicos | Alfomades | Policias | Proprietarios | Professores | Ungidos | Barbeiros | Balanistas | Profissionais | Policias | TOTAL |     |
|--------------------------|----------|--------|-----------|------------|---------|----------|---------|--------|-----------|----------|------------|------------------------|-------------|-----------|------------|----------|-----------|---------------------|-----------|----------|---------------|-------------|---------|-----------|------------|---------------|----------|-------|-----|
| Instrução primaria.....  | 31       | 2      | 5         | 3          | 13      | 1        | 2       | 1      |           | 1        | 1          | 16                     |             | 1         | 4          | 2        |           |                     |           |          |               |             |         |           |            |               |          |       | 96  |
| Portuguez.....           | 29       |        |           |            | 4       |          |         |        | 1         |          |            | 6                      | 1           |           | 1          |          |           | 1                   | 1         | 1        |               |             |         |           |            |               |          |       | 46  |
| Francês.....             | 53       |        | 1         | 2          | 4       |          |         |        | 2         |          |            | 24                     | 1           |           | 1          |          |           | 1                   | 2         |          |               |             |         |           |            |               |          |       | 91  |
| Inglês.....              | 31       |        |           | 1          | 3       |          |         |        | 1         |          |            | 17                     | 1           |           | 1          |          |           | 1                   | 1         | 4        |               |             |         |           |            |               |          |       | 61  |
| Desenho.....             | 17       |        | 3         |            | 2       |          |         | 1      |           |          |            | 1                      | 1           |           | 7          | 3        | 1         |                     |           |          |               |             | 1       | 1         |            |               |          |       | 38  |
| Contabilidade.....       | 19       |        | 3         |            | 2       |          |         | 1      | 1         |          |            | 31                     |             |           |            |          |           | 4                   |           |          |               |             |         |           |            |               |          |       | 61  |
| Matematica.....          | 21       |        |           | 1          | 1       |          |         |        |           |          |            | 5                      | 1           |           | 1          |          |           | 1                   |           |          |               |             |         |           |            |               |          |       | 31  |
| Admissão à E. Norm.      | 40       |        |           |            |         |          |         |        |           |          |            |                        |             |           |            |          |           |                     |           |          |               |             |         |           |            |               |          |       | 40  |
| MUSICA { Rudimentos..... | 27       |        |           |            |         |          |         |        |           |          |            |                        |             |           |            |          |           |                     |           |          |               |             |         |           |            |               |          |       | 27  |
| { Piano.....             | 18       |        |           |            |         |          |         |        |           |          |            |                        |             |           |            |          |           |                     |           |          |               |             |         |           |            |               |          |       | 18  |
| { Violino.....           | 8        |        |           |            |         |          |         |        |           |          |            |                        | 1           |           |            |          |           |                     |           |          |               |             |         |           |            |               |          |       | 10  |
| { Harmonia.....          | 5        |        |           |            |         |          |         |        |           |          |            |                        |             |           |            |          |           |                     |           |          |               |             |         |           |            |               |          |       | 5   |
|                          | 297      | 2      | 12        | 7          | 29      | 1        | 2       | 3      | 5         | 1        | 1          | 100                    | 6           | 1         | 15         | 5        | 1         | 2                   | 4         | 14       | 3             | 1           | 1       | 1         | 1          | 1             | 4        | 1     | 522 |

[a] Neste numero estão incluídas 14 aulas que transitaram de ano lectivo de 1911-1912.

Lisboa, em 31 de Outubro de 1913.—Pelo Presidente da Direcção, Antonio Joaquim de Sá Oliveira.—O Secretario da Direcção, J. Cardoso Gonçalves.

## ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Elementos e resumo das conferencias, excursões, visitas de estudo e outros trabalhos  
realizados no ano lectivo de 1912-1913

- 21 de Julho de 1912 — Passeio fluvial. Sessão na Camara Municipal do Seixal, em propaganda educativa. Na sessão realisa uma conferencia o professor sr. Agostinho Fortes.
- 28 de Julho de 1912 — Sessão de arte na Cantina de São Miguel, para comemorar o terceiro anniversario desta instituição (concerto musical). Conferencia do sr. Agostinho Fortes.
- 11 de Agosto de 1912 — Visita de estudo ao Convento do Varatojo e á vila de Torres Vedras, dirigida pelo professor sr. Ribeiro Cristiano.
- 18 de Agosto de 1912 — Sessão solene promovida pela Associação de Beneficencia e Instrução do Campo Grande, em homenagem á Academia de Estudos Livres, realizada no Asilo D. Pedro V, naquela localidade. (Lição de ginastica pelas creanças da Escola Marquês de Pombal, sob a direcção do professor sr. João de Brito. Lição demonstrativa dos trabalhos da Escola Maternal dirigida pela professora sr.<sup>a</sup> D. Albertina Cordeiro).
- 25 de Agosto de 1912 — Visita de estudo ao Asilo Antonio Feliciano de Castilho.
- 7 a 11 de Setembro de 1912 — Excursão e visitas de estudo ao Porto, Braga, Guimarães e Vizela.
- 20 de Setembro de 1912 — Visita de estudo á exposição da Escola Industrial Marquês de Pombal.
- 14 de Outubro de 1912 — Sessão solene realizada na Escola Cornelio Saavedra em Buenos Aires, em que o Ministro de Portugal sr. Abel Botelho faz entrega do laço enviado pelas creanças da Escola Marquês de Pombal ás creanças daquela Escola.
- 10 de Novembro de 1912 — Conferencia pelo almirante sr. Ferreira do Amaral, tomando por thema: *A defesa nacional*.
- 24 de Novembro de 1912 — Visita de estudo á Fabrica de cola de ossos estabelecida no Casal da Serra de S. João ao Senhor Roubado.
- 15 de Dezembro de 1912 — Concerto musical organizado pela professora sr.<sup>a</sup> D. Alda de Freitas. Sessão de propaganda educativa, em que tomam parte os srs. Dr. Ladislau Figueira e Dr. Sá Oliveira.
- 19 de Janeiro de 1913 — Sessão de propaganda na vila do Barreiro para a fundação de uma Escola Maternal.

- 23 de Janeiro de 1913 — Festa da arvore promovida pela Liga Nacional de Instrução. No espectáculo do Coliseu dos Recreios, oferecido ás creanças das escolas de Lisboa, tomam parte as creanças da Escola Marquês de Pombal, executando uma lição de ginastica sob a direcção do professor sr. João de Brito.
- 24 de Janeiro de 1913 — A Camara Municipal de Lisboa, na sede da Academia de Estudos Livres e a seu pedido, inaugura uma lápide comemorativa do nascimento do grande sabio 2.º Visconde de Santarem. À noite realisa-se uma sessão solene comemorativa presidida pelo 3.º Visconde de Santarem, neto do homenageado, e em que realisa uma conferencia o professor sr. Agostinho Fortes.
- 31 de Janeiro de 1913 — Festa da arvore na Escola Marquês de Pombal. (Conferencia pelo sr. Dr. Teles Palhinha. Lanche e distribuição de prendas a todas as creanças sem excepção).
- 7 de Fevereiro de 1913 — Primeira conferencia do curso de Historia Universal pelo professor sr. Agostinho Fortes. Têma: *origens do christianismo e suas relações com o mundo romano.*
- 21 de Fevereiro de 1913 — Segunda conferencia do curso de Historia Universal pelo professor sr. Agostinho Fortes. Têma: *Os barbaros. As suas incursões no imperio romano.*
- 23 de Fevereiro de 1913 — Visita de estado á igreja da Madre de Deus dirigida pelo arquiteto sr. Adães Bermudes. — À NOITE. Palestra pelo aluno sr. José da Piedade Junior sobre o têma: *A Holanda.* Concerto muzical.
- 2 de Março de 1913 — Conferencia na Escola Politechnica pelo professor sr. Almeida Lima. Têma: *Meteorologia.*
- 6 de Março de 1913 — Visita do Ex.º Sr. Presidente da República á Escola Maternal e Escola Marquês de Pombal.
- 9 de Março de 1913 — Visitas de estudo á exposição de pintura do artista sr. José Campas, no salão da Illustração Portuguesa e no paquete «Moçambique» da Empresa Nacional de Navegação.
- 16 de Março de 1913 — Conferencia por Mr. R. Broda, secretario geral do *Institut International pour la diffusion des expériences sociales*, no salão da Associação dos Lojistas de Lisboa. Têma: *Ce que les peuples peuvent apprendre les uns des autres.*
- 30 de Março de 1913 — Conferencia na Escola Politechnica pelo professor sr. Eduardo Andréa. Têma: *Determinação do logar que occupamos na Terra.*
- 11 de Abril de 1913 — Terceira conferencia do curso de Historia Universal pelo professor sr. Agostinho Fortes. Têma: *O feudalismo e as cruzadas.*
- 13 de Abril de 1913 — Conferencia na Escola Politechnica pelo professor sr. Teles Palhinha. Têma: *Importancia economica da arvore.*
- 27 de Abril de 1913 — Conferencia na Escola Politechnica pelo professor sr. Dr. Baltasar Osorio. Têma: *Oceanografia.*

- 2 de Maio de 1913 — Quarta conferencia do curso de Historia Universal pelo professor sr. Agostinho Fortes. Têma: *O feudalismo*.
- 18 de Maio de 1913 — Conferencia na Escola Politechnica pelo professor sr. Pedro José da Cunha. Têma: *Medição do tempo e calendarios*. — Audição de alunos da aula de piano, regida pela professora sr.<sup>a</sup> D. Eulália Gonçalves Pais.
- 1 de Junho de 1913 — Festa escolar comemorando o trigessimo primeiro anniversario da Escola Marquês de Pombal.
- 29 de Junho de 1913 — Conferencia pelo professor sr. Ribeiro Cristina. Têma: *Os monumentos de Paris*. Concerto muzical dirigido pela professora sr.<sup>a</sup> D. Aida Freitas.

Lisboa, 31 de Outubro de 1913.

Pela Presidente da Direcção, *Antonio Joaquim de Sã Oliveira*. — O Secretario da Direcção, *J. Cardozo Gonçalves*.

## PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ASSOCIADOS

O Conselho Fiscal examinou o relatório e contas da gerencia do ano economico de 1912-1913.

Pelos documentos que lhe foram presentes verifica-se que no referido ano a receita foi a seguinte :

|                                       |                    |
|---------------------------------------|--------------------|
| Quotas dos socios da Academia.....    | 1:934\$40          |
| » » » » Escola Marquez de Pombal..... | 405\$85            |
| Diplomas e estatutos.....             | 36\$40             |
| Matriculas.....                       | 1:006\$60          |
| Beneficios.....                       | 235\$26            |
| Legados.....                          | 166\$66,5          |
| Subsidios.....                        | 120\$00            |
| Excursões e visitas.....              | 29\$74,5           |
| Trabalhos manuaes.....                | 3\$90              |
| Donativos e receitas varias.....      | 83\$18,5           |
|                                       | <u>4:052\$00,5</u> |

A despesa foi a seguinte :

|                              |                    |
|------------------------------|--------------------|
| Rendas.....                  | 751\$65,8          |
| Festas escolares.....        | 41\$99             |
| Professores da Academia..... | 954\$40            |
| Professores da Escola.....   | 690\$00            |
| Empregados da Academia.....  | 456\$90            |
| Empregados da Escola.....    | 70\$00             |
| Cobreadores da Academia..... | 237\$32            |
| <i>A transportar</i> .....   | <u>3:211\$26,8</u> |

|   |                    |
|---|--------------------|
| <i>Transporte</i> .....   | 3.211\$26,8        |
| Cobreadores da Escola .....   | 40\$58,5           |
| Juros .....   | 6\$55,5            |
| Gaz e agua .....  | 203\$51,5          |
| Biblioteca .....  | 83\$38,2           |
| Despesas do expediente .....  | 3\$92,5            |
| Despesas diversas .....   | 300\$20            |
|   | <u>3.849\$43</u>   |
| A crescer depreciação no mobiliario .....                             | 120\$00            |
| Soma .....  | <u>3.969\$43</u>   |
| Saldo entre a Receita e a Despesa .....                               | <u>82\$57,5</u>    |
| Juntando a importância do capital social em 30 de junho de 1912 ..... | 1.091\$29,9        |
| o saldo entre a Receita e a Despesa no ano economico findo .....      | <u>82\$57,5</u>    |
| fica o mesmo capital elevado em 30 de junho de 1913 a .....           | <u>1.173\$87,4</u> |

Este resultado demonstra-se pelo movimento das seguintes contas, comparando o Balanço daquela data com o de igual dia do ano anterior:

|  |                  |
|--|------------------|
| O mobiliario aumentou, deduzida já a depreciação, em ..... | 79\$12           |
| Os débitos na soma de 2.349\$80,6 foram reduzidos em ..... | <u>258\$23,8</u> |
| Soma .....   | 337\$35,8        |
| A c/Anais da Academia diminuiu por efeito de venda .....   | 46\$45           |
| A c/cadernos escolares diminuiu por igual motivo .....     | 7\$38,5          |
| A c/Caixa diminuiu por efeito de varias operações .....    | 200\$94,8        |
|  | <u>254\$78,3</u> |
| Saldo a capitalisar .....                                  | <u>82\$57,5</u>  |

A c/do movimento da Caixa divide-se em dois grupos, a saber:

|   |             |
|---|-------------|
| 1.ª ESCOLA MARQUÊS DE POMBAL—Receita..... | 405\$85     |
| Despesa.....                              | 800\$58,5   |
| Deficit.....                              | 403\$73,5   |
| 2.ª Academia de Estudos Livres—Receita..  | 5:282\$40   |
| Despesa .                                 | 5:079\$61,3 |
| aplicando ao deficit o saldo de.....      | 202\$78,7   |
| fica ainda o deficit em.....              | 200\$94,8   |
| Aplicando o saldo do ano anterior.....    | 206\$41,5   |
| fica apenas um saldo de.....              | 5\$46,7     |

Vê-se, pois, que as receitas de Caixa, foram suficientes para cobrir o deficit da Escola Marquez de Pombal, ficando ainda um saldo de..... 5\$46,7

O activo da Academia é representado pelas seguintes verbas:

|                                    |                    |
|------------------------------------|--------------------|
| Obrigações da «Vile de Paris»..... | 360\$00            |
| Obrigações de 3 % de 1905.....     | 20\$00             |
| Anais da Academia.....             | 98\$11             |
| Moveis e mobiliario escolar.....   | 2:125\$44,5        |
| Biblioteca.....                    | 991\$48,5          |
| Cadernos escolares.....            | 14\$93,5           |
| Caixa.....                         | 5\$46,7            |
|                                    | <u>3:615\$44,2</u> |
| Deduzindo deste activo de.....     | 3:615\$44,2        |
| o capital social de.....           | 1:173\$87,4        |
| fica um saldo de.....              | <u>2:441\$56,8</u> |

o qual garante os seguintes encargos :

|                             |                    |
|-----------------------------|--------------------|
| Uma letra a pagar de .....  | 350\$00            |
| Empréstimos gratuitos ..... | 211\$00            |
| Diversos credores .....     | 1.880\$56,8        |
| Soma.....                   | <u>2.441\$56,8</u> |

O capital social tem constantemente crescido nos ultimos anos:

|  |             |
|--|-------------|
| Assim em 30 de junho de 1910 era de..... | 337\$41     |
| em 30 de junho de 1911 era de.....       | 853\$63,4   |
| em 30 de junho de 1912 era de.....       | 1.091\$29,9 |
| em 30 de junho de 1913 era de.....       | 1.173\$87,4 |

Comparadas a receita e a despesa da Academia e Escola Marquês de Pombal, em conjunto, com relação aos dois ultimos anos observam-se as seguintes diferenças :

|  |                  |
|--|------------------|
| As principaes verbas-quotas, matriculas, beneficios, donativos, tiveram um aumento de .....  | 232\$90          |
| acresceu em subsidios, excursões e trabalhos manuaes .....   | 153\$64,5        |
| o que tudo soma.....   | <u>386\$63,5</u> |
| Diminiu a receita em diplomas, estatutos e festas escolares ... ..   | 13\$43,5         |
| Aumentou pois a receita em.....  | 373\$20          |
| Aumentou a despesa em professores, rendas, bibliotéca e festas escolares....   | 502\$12          |
| Diminiu em gaz, agua, anais, juros e despesas diversas.....  | 150\$83          |
|  | <u>411\$29</u>   |
| Houve, pois, uma diminuição no saldo do anno de Se, porém, lhe junfamos a verba de depreciação — levada á conta de Moveis e Mobiliario Escolar | 38\$00           |
|  | 120\$00          |
| esta diminuição montará a.....   | 158\$09          |
| o que comparado com o saldo do anno anterior...  | 240\$66,5        |
| produz o saldo levado a fundo social neste ano de  | <u>82\$57,5</u>  |

O Conselho Fiscal vê com prazer que a gerencia empregou o melhor dos seus esforços para manter a nossa instituição dentro dos preceitos consignados no seu estatuto.

Realizou 12 conferencias, 6 visitas de estudo, 2 sessões solênes, uma sessão de propaganda e outra de arte, 1 concerto muzical, 2 festas da arvore, 1 festa escolar e 1 passeio fluvial.

E, compreendendo louvavelmente que dentro do espirito educativo da Academia estava a missão de fornecer conhecimentos regulares de escola aos alunos que dela carecessem e suas familias, manteve o sistema de matriculas, que tem por fim occorrer á retribuição dos professores, daquela missão incumbidos. A importancia dessas matriculas para 12 disciplinas em aulas noturnas, avalia-se pelo numero de 522 com uma frequencia de 344 alunos, dos quaes 256 do sexo masculino e 85 do feminino, exercendo diversas profissões em numero de 29. Além disso, a aula diurna de instrução primaria teve 114 matriculas.

A Escola Marquês de Pombal foi uma pesada herança para as condições financeiras da Academia. O prejuizo que deu no ano economico findo foi, pelo menos, como vimos, de 403\$73,5. O prejuizo total de 1:024\$43,7, verificado desde que a Academia tomou a direção dela, deve levar-se á conta de uma tentativa ligada ao problema educativo da Academia.

Com effeito, se pensamos em concorrer para o melhoramento dos costumes por meio do ensino, ainda applicado á primeira infancia pelos processos modernos, que iniciam os preliminares da escola e os da vida infantil e artistica no meio familiar, tem este assunto de merecer pelo seu lado financeiro, a par do seu aspêto moral, o nosso mais atento estudo.

Não menos importantes são os pontos de vista apresentados pela gerencia no seu relatório quanto á necessidade de se adquirir uma casa mais ampla para as instalações da Academia, compreendendo a da Bibliotheca, que vae aumentando constantemente sem haver meio de a tornar mais facilmente acessivel á instrução dos socios—bem assim quanto á separação das funções da Academia, entre aulas profissionaes e cursos, e conferencias de vulgarisação, constituindo propriamente a *Universidade Popular*.

Resumindo, o Conselho Fiscal é de parecer :

1.º Que se aprovelem com louvor as contas e actos da gerencia do ano economico de 1912-1913;

2.º Que sejam aprovadas as propostas n.ºs 1 a 4, que a mesma gerencia apresenta no seu relatório.

Lisboa, 11 de maio de 1914.

#### O CONSELHO FISCAL

*Leandro Pinheiro de Mello.*

*Joaquim Augusto Nazareth Ferreira*

*Francisco Pereira Cortez*

*Henrique Linhares de Lima*

*Joaquim Bento da Costa*



